

Era outra vez

FRIO CONGELANTE

Sarah Mlynowski

autora de *Me liga*

Mais de
5 MILHÕES
de exemplares
vendidos nos EUA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série Era outra vez

A mais bela de todas

Se o sapatinho servir

Tudo ou nada

A festa dos sonhos

Um dia embaraçado

Frio congelante

10 coisas que nós fizemos (e provavelmente não deveríamos)

Feitiços e sutiãs

Sapos e beijos

Férias e encantos

Festas e poções

Me liga

Sarah Mlynowski

Era outra vez

FRIO CONGELANTE

Tradução
Maria P. de Lima

1ª edição

— **Galera** —
RIO DE JANEIRO
2018

M681f

Mlynowski, Sarah

Frio congelante [recurso eletrônico] / Sarah Mlynowski ; tradução Maria P. de Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2018.

recurso digital (Era outra vez ; 6)

Tradução de: Cold as ice

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11435-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Lima, Maria P. de. II. Título. III. Série.

18-47747

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:

Cold as Ice

Copyright © 2014 by Sarah Mlynowski

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11435-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para Stella Green, a princesa do vale do gafanhoto

Sumário

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

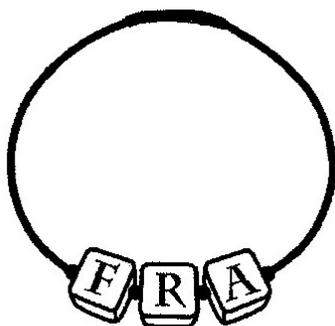
Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo um



O colar da amizade

É hora do recreio, e estou de cabeça para baixo no trepa-trepa. Devia me concentrar em não cair, mas, em vez disso, estou pensando no que farei com Robin e Frankie, minhas duas melhores amigas, quando elas forem até minha casa depois da aula. Meu plano é criarmos algumas coreografias de dança e montarmos minipizzas de abacaxi. Mas seria bem mais legal se eu pudesse levar as duas através do espelho mágico, não seria?

Sim! Seria!

Não me leve a mal. Pensar em coreografias é o máximo. E minhas minipizzas de abacaxi são incríveis. Mas, das atividades pós-escola, nada pode bater atravessar um espelho mágico, não é mesmo?

Não! Nada!

E sim. Tenho um espelho mágico no porão.

Não acredita em mim? Mas é verdade. Toda a verdade e nada menos que a verdade. Quando eu e meu irmão mais novo, Jonah, nos mudamos de Naperville para Smithville, descobrimos que, ao bater três vezes no espelho que fica no porão, somos levados para a terra dos contos de fadas. Bem, primeiro o espelho assovia, depois lança uma luz roxa pelo porão, aí começa a rodopiar. E só *então* nos suga para um conto de fadas.

Nós já visitamos as histórias de *Branca de Neve*, *Cinderela*, *A pequena sereia* e *Rapunzel*. Robin inclusive veio conosco uma vez. Mas nem conta, porque ela não se lembra de nada do que aconteceu. Estava encantada por um feitiço de sono.

— Abby? — chama Frankie, me fazendo despertar de meus pensamentos. — Abby, está tudo bem

com você? Está pendurada aí faz um tempão. Seu cérebro não congelou não, né? Está tão frio aqui fora!

Dou uma risada e seguro a barra com as mãos.

— Isso não é frio! Está marcando sete graus aqui fora. Não precisamos nem mesmo de luvas para brincar no trepa-trepa nesta cidade.

Smithville tem o inverno mais ameno de todos. Aqui nem neva. Não como nevava em Naperville. Não sinto falta do frio, mas sinto falta da neve.

— Bem, meus óculos estão congelando na cara — comenta Frankie.

A armação de Frankie é vermelha. Eu a ajudei a escolher esses óculos, que ficam muito bem em contraste com o cabelo preto liso e a pele morena.

— Não vamos sair quando estivermos em sua casa hoje, certo? — pergunta ela, se inclinando sobre as barras. — Nada de brincar no quintal, tá?

Dou um pulo para o chão.

— Só dentro de casa — concordo, enquanto ajeito meu cabelo castanho ondulado. Sinto uma pontada de empolgação. Adoro receber minhas melhores amigas em casa, embora nós três possamos nos divertir em qualquer lugar.

Algumas pessoas dizem que coisas ruins vêm em trios, mas eu acho que coisas *maravilhosas* acontecem em trios. Como melhores amigas. FRA. É como nos chamamos: FRA. Quer dizer Frankie, Robbie e Abby, eu. Nós consideramos nos chamar de FAR ou RAF, ou mesmo ARF, mas achei que ARF lembrava muito o rosnado de um cão. Decidimos que FRA soava melhor porque lembra *friends*, que significa amigos em inglês, FRA para sempre!

Algumas quartas-feiras atrás fizemos até um colar da amizade com contas, no qual se lia FRA.

Sempre nos reunimos às quartas, pois é o único dia em que nenhuma de nós tem atividade extra depois da aula.

Olho pelo pátio da escola para ver o que Robin está fazendo. Ela está brincando de bola com Penny.

Sinto meu estômago revirar.

Robin tem passado muito tempo com Penny. Jogam bola no recreio, sentam juntas na hora do almoço, cochicham durante as aulas.

E Penny nem sempre é muito legal. Já a vi revirando os olhos em minha direção algumas vezes. Além disso, ela me chamou de mandona duas vezes. Dá para acreditar? Mandona? Eu?

Tá, tudo bem, às vezes sou um pouco mandona (principalmente com Jonah), mas só porque tenho ótimas ideias. Tipo os óculos com armação vermelha e minipizzas de abacaxi feitas em pãezinhos. Até Robin ama essas pizzas. Da última vez que as preparamos, ela usou os pedaços de abacaxi para fazer os olhos, a boca e o nariz. Ficou uma graça.

A questão é a seguinte: eu não gosto de Penny. E Penny também não gosta de mim. E não acho que Robin deveria passar tempo algum com ela.

Respiro fundo, tentando me manter otimista. Então me viro para encarar Frankie, que está se balançando no trepa-trepa. Mais tarde as FRA vão se divertir como nunca.

Ainda que as coisas estejam um pouco esquisitas entre nós duas e Robin.

Ainda que eu não possa levar Frankie e Robin pelo espelho mágico.

São muitas as razões para eu não poder levá-las. Mas a mais importante é que não devo contar a ninguém sobre a existência do espelho. Uma fada que eu e Jonah conhecemos na história da Branca de Neve pediu para a gente não contar.

O sinal do recreio toca, e corro com Frankie para a fila.

Faltam cinco horas para o encontro das FRA. Mal posso esperar.

No fim do dia, enquanto Frankie está no banheiro, procuro por Robin no corredor e a encontro no bebedouro.

— Preparada para minipizzas de abacaxi? — pergunto, colocando a mochila no ombro.

Robin se estica e engole seco.

— Ah. Oi, Abby. Na verdade, não vou poder ir hoje. Tenho outros planos.

— Que planos? — questiono, com o tom de voz firme. — Você vai ao médico?

— Não — responde ela, mexendo no colar de contas. — Combinei de ir à casa da Penny.

Sinto meu estômago despencar até o chão. Penny? Ela está nos dispensando para passar mais tempo com Penny?

— Não. Não, não, não.

— Oi? — pergunta Robin.

— Não! — repito. — Você não pode dispensar a gente para ficar com Penny! É dia de FRA! Na semana passada fomos para sua casa, na anterior para a de Frankie, e hoje vocês deveriam ir para minha casa. É assim que funciona. Há meses. Temos uma ordem a seguir. Uma rotina.

Robin olha na direção de seu tênis de glitter.

— Penny me convidou para ir à casa dela depois da aula, e eu quero ir.

— Não pode ir num outro dia? — pergunto, afobada.

— Não — responde ela. — Não posso. Penny está ocupada na terça e na quinta. O único dia que nós duas temos livre é quarta-feira.

— Mas o único dia que *nós* temos livre é quarta! — grito. Depois tento recuperar o fôlego. Hummm. Eu não quero realmente que Penny vá para minha casa, mas prefiro chamá-la a perder Robin. — Penny pode ir para minha casa também — digo. — Não tem problema. Provavelmente tenho minipizzas suficientes para todas.

— Deixe para lá — comenta Robin. — Quem sabe outro dia.

Meus olhos se enchem de lágrimas. O que está acontecendo?

— Você está zangada com a gente ou algo assim?

— Não — responde Robin, enquanto nos encaramos. — Eu tenho o direito de ter outros planos, não tenho? Não posso passar todo o meu tempo com duas pessoas!

— Por que não? — exijo saber. — Somos suas melhores amigas! Você deveria passar todo o tempo com suas melhores amigas!

Robin puxa um dos cachos ruivos e fica calada por um momento.

— Penny também é minha melhor amiga — explica ela.

O quê?

— Não... não, ela não é — gaguejo, chocada. — Desde quando?

— Desde agora — diz Robin.

— *Nós somos* suas melhores amigas. Eu e Frankie. Não Penny. Penny não é legal.

— Eu acho Penny divertida — afirma Robin.

— Divertida não é o mesmo que legal — argumento, cruzando os braços. — Você não pode ser melhor amiga de Penny e nossa também.

Robin fica pálida.

— Por que não?

— Porque não pode — respondo, aumentando o tom de voz. — Precisa escolher. Ou Penny. Ou a

gente.

Seus olhos se estreitam.

— Se está me fazendo escolher, eu escolho Penny.

Eu arquejo. Estou triste, mas também muito, muito zangada. Meus olhos se estreitam também.

— Então tire seu colar.

O queixo de Robin cai.

— O colar das FRA?

— Sim! — exclamo, com a voz falhando. — Você não é mais nossa melhor amiga. Não pode usar o colar. Pode fazer um colar com sua nova melhor amiga, Penny. Pode fazer um colar de Robin e Penny. *RP!* — Falo as duas letras bem alto, fazendo com que soe bem ridículo. Ainda mais ridículo do que *ARF*.

— Você quer que eu tire o colar agora? — pergunta Robin, calmamente.

Concordo com a cabeça. Tenho medo de começar a chorar se abrir a boca.

— Tá bom. — Ela puxa o fio de couro pela cabeça e o joga em minha direção. — Pode ficar.

Guardo o colar na mochila e saio apressada para encontrar Frankie.

Meu coração pesa no peito. FRA acabou. De agora em diante, somos apenas FA.

Em casa, oriento Frankie a retirar o R de *seu* colar de contas.

— Temos mesmo que fazer isso? — pergunta ela, se esticando sobre o tapete de meu quarto.

— Sim — afirmo.

Ela franze a testa.

— Mas por que Robin não pode ter outra melhor amiga?

— Porque Penny é cruel — explico.

— Mas o que temos a ver com isso? Nós não precisamos ser as melhores amigas de Penny também.

— Frankie — começo com paciência —, toda a razão por trás de ter uma melhor amiga é escolher aquela pessoa acima de qualquer outra. Robin escolheu Penny em vez da gente. Ela tirou o colar. Por que deveríamos ter a inicial dela em nosso colar? Não faz sentido algum.

— É, acho que não — concorda Frankie, triste.

Também estou triste, mas não quero me entregar à tristeza. Tiro o colar, desfaço o nó e removo a conta com a letra R. Frankie faz o mesmo, e eu pego a conta de sua mão.

— Não vou jogar fora — aviso. — Caso Robin caia na real e mude de ideia. Não sou um monstro. Se ela se desculpar, pode voltar para o grupo.

Se pedir desculpas e prometer nunca mais falar com Penny, na verdade.

Guardo as contas e o colar de Robin em minha caixinha de joias, fechando a tampa com firmeza.

— Amo sua caixinha de joias — comenta Frankie, observando-a.

— Obrigada — respondo, mordendo o lábio. Sempre fico um pouco nervosa quando minhas amigas reparam na caixinha de joias. Foi minha avó quem me deu, e a caixinha tem desenhos de personagens dos contos de fadas. Mas, a cada vez que eu e Jonah acidentalmente mudamos o final de uma história, o desenho também muda. Fico receosa de Frankie notar que a Bela Adormecida está montada em uma bicicleta, por exemplo, e obviamente não tenho como explicar o motivo disso.

— Vamos preparar as pizzas! — sugiro para que a gente saia do quarto.

Descemos até a cozinha. Me esforço bastante para não pensar em Robin enquanto corto os pães ao meio, passo molho de tomate e jogo queijo por cima.

— Agora o abacaxi — digo. Com cuidado, subo em uma cadeira e abro a despensa.

Ervilhas. Milho. Manteiga de amendoim. Mas nada de abacaxi em conserva.

— Como posso fazer minipizzas de abacaxi sem abacaxi? Hein? Hein? É impossível! — Lágrimas se acumulam em meus olhos. Sei que não estou chateada por causa do abacaxi. Não é esse o ingrediente que está realmente faltando. O que está realmente faltando é Robin.

Ela era nossa melhor amiga. E, embora não se lembre, Robin atravessou o espelho comigo uma vez. Tínhamos uma ligação especial.

Talvez eu deva contar a Frankie sobre o espelho mágico. Sim! Eu deveria. Assim *nós* teremos uma ligação especial. Não precisaremos de Robin. Teremos uma a outra.

— Frankie... — começo.

— Abby! — grita Jonah ao entrar correndo na cozinha. — Olhe o que eu tenho!

— O quê? — pergunto, um pouco grata por ele ter me interrompido. No que eu estava pensando? Não devo contar a *ninguém* sobre o espelho. A fada da história da Branca de Neve disse que seria perigoso se eu contasse.

— Um relógio do Homem-Aranha! — grita Jonah, enquanto estica o bracinho de 7 anos. — Isaac ganhou dois iguais de aniversário, e, como não tinham a nota para devolver ou trocar, seus pais disseram que podia me dar um. Não é o máximo?

— É, Jonah — respondo. — É o máximo. — Às vezes só quero bagunçar seu cabelo castanho com carinho, mas não faço porque sei que ele ficaria sem graça.

— Vou usar esse relógio o tempo todo — comenta ele, admirando o pulso. — Nunca vou tirar. Pra nada.

— Talvez você queira tirar na hora do banho — sugere Frankie. — Uma vez entrei no chuveiro de relógio, e ele parou de funcionar.

— Bem lembrado — concorda Jonah, solene. — Vou tirar na hora do banho e só.

Eu costumava ter um relógio também. Mas, na última viagem pelo espelho, tive de trocá-lo por uma corrida de táxi.

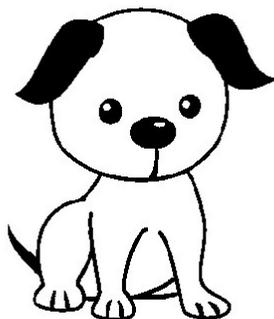
Agora não tenho mais um relógio.

Nem abacaxi.

Ou Robin.

Parece que coisas ruins acontecem mesmo em trios.

Capítulo dois



A culpa é do cachorro

— *Aaaaaaaabbbbyyyyyyy...* — diz uma voz durante a noite.

Eu me sento na cama.

Acabei de ouvir meu nome?

São quinze para meia-noite, e não consegui cair no sono. Estou muito chateada com o incidente com Robin. Além disso, meu quarto está muito frio. Talvez não neve em Smithville, mas nossa casa — que é bem velha — está um gelo. Meus pais vivem tentando consertar o aquecedor, mas nunca parecem conseguir. Nessa noite, precisei vestir duas meias, um pijama de flanela verde, um suéter de lã e um gorro de listras azuis e brancas antes de me deitar. Isso mesmo. Um gorro.

Logo depois, eu ouço:

— *Jonah...*

A voz é fraca e lembra o som de sinos de vento. É a Maryrose? Maryrose é a fada que vive dentro do nosso espelho mágico. Ou, pelo menos, acho que ela mora ali dentro. Talvez esteja presa lá. Ou talvez esteja se escondendo. Para ser sincera, não temos muita certeza sobre sua situação de moradia.

De todo modo, será que Maryrose está mesmo falando comigo lá de baixo, do porão? Mais alguém a ouviu?

— *Entre aqui!* — Ouço Maryrose dizer.

Entrar no espelho? Será que ela quer nos levar para outro conto de fadas?

— *Por favor, venha!* — canta a voz.

Parte de mim quer gritar: *Maryrose! Não podemos entrar no espelho mágico! Prometi a meus pais que não faria isso!* Mas não grito, porque isso acordaria meus pais *com certeza*.

Da última vez que eu e Jonah visitamos um conto de fadas, minha mãe e meu pai acordaram enquanto estávamos fora. Como não conseguiram nos encontrar, eles ligaram para a polícia. Sério. Polícia! Por sorte, nós voltamos pelo espelho antes de a polícia chegar, e antes que panfletos com fotos e a palavra *desaparecidos* estampada em nossas testas fossem espalhados por todo o bairro. E, felizmente, nossos pais não perceberam para onde tínhamos ido.

Mas foi por muito, muito pouco. Eles nos fizeram prometer que nunca mais iríamos sumir durante a noite de novo.

Nós prometemos.

Então não podemos mais ir.

Apesar de ser incrível. Apesar de eu sentir falta, e Jonah também.

Cubro a cabeça com o travesseiro.

Crack.

Espere. Tem uma porta abrindo? Ah, não. Será que Maryrose acordou meus pais?

Eles não vão gostar nada se descobrirem que tem um espelho falante no porão. Mas, se isso acontecesse, pelo menos eu não precisaria mais mentir.

Embora possa apostar que ficariam bem assustados.

Talvez tirassem o espelho dali. Ainda que esteja preso na parede. Se não conseguissem tirá-lo, talvez quisessem se mudar. Eu teria de ir para outra escola. Aposto que *aí* Robin sentiria minha falta.

Ouçó mais um estalo.

O som está vindo de algum lugar ao lado de meu quarto. O que quer dizer que é a porta do quarto de meu irmão, e não a de meus pais. Talvez Maryrose tenha acordado Jonah também.

Dou uma olhada no relógio. São 23h56. Maryrose só nos deixa entrar no espelho à meia-noite.

Será que Jonah está indo de fininho até o porão? Será que está planejando entrar no espelho sem mim? Acho bom que não esteja. Ele sabe que não pode fazer isso.

— Jonah? — chamo, baixinho.

Nada.

Tiro as cobertas, pulo da cama e corro para impedi-lo.

Mas ele não está no corredor.

Nosso cachorro, Príncipe, é quem está.

Eu devia ter adivinhado. Príncipe sempre dorme no quarto do meu irmão. Neste momento, suas orelhas estão de pé como pequenos triângulos, o que significa que ele está ouvindo alguma coisa.

— *Desça aqui!* — pede a voz do porão.

Príncipe balança o rabo enquanto observa as escadas.

— Príncipe! Não! — sussurro. Estico o braço para tentar segurá-lo, mas ele escapa e se apressa pelos degraus.

— Príncipe, pare! — murmuro, furiosa. — Ela não está falando com você! É com *a gente!*

Ele não tem culpa por ter ouvido. A palavra *aqui* é um dos comandos que ele obedece.

Ele não vai conseguir ir muito longe, digo a mim mesma ao descer as escadas correndo. Tenho certeza de que o porão está fechado. Sempre está. Príncipe pode ter empurrado a porta do quarto de Jonah, mas isso não quer dizer que vá conseguir fazer o mesmo com a porta do porão. Para abrir essa porta, é preciso realmente virar a maçaneta. E, de todo modo, mesmo se conseguisse entrar lá, não quer dizer que o espelho o sugaria. Ele precisaria bater três vezes para Maryrose levá-lo. E Príncipe pode ser esperto, mas não sabe bater em nada.

Chego à porta do porão.

Está totalmente aberta.

Hummm.

Certo, eu não esperava por isso.

Quem deixou a porta aberta?

Provavelmente Jonah. Geralmente ele é o culpado quando as coisas dão errado, como acontece com a maioria dos irmãos mais novos. Embora talvez meus pais *estivessem* trabalhando no porão antes de se deitar. Só tenho certeza de uma coisa: não fui eu. Eu não sou a culpada. Nunca sou a culpada. Pelo menos, normalmente não.

— Príncipe! — chamo. Será que devo ir buscá-lo?

Sim. Não. Sim.

Não.

Não posso. Prometi especificamente para meus pais que não entraria no porão de noite. Se eu der mais um passo, estarei oficialmente quebrando a promessa.

Não gosto de quebrar promessas.

Diferentemente de *Robin*.

— Príncipe! Estou esperando você aqui! — sussurro-grito.

Ele não responde.

— Príncipe, se voltar aqui para cima, te dou um presente! Quer manteiga de amendoim?

Hummm. Manteiga de amendoim. Estou comendo manteiga de amendoim, e está deliciosa! Vou comer tudo sozinha se você não voltar aqui para cima!

Vamos lá, Príncipe, vamos lá. Eu realmente não quero ficar parada aqui a noite toda. Está frio! Pelo menos estou com duas meias quentinhas, um suéter e o gorro.

Enquanto finjo comer, vejo algo.

Uma luz roxa iluminando a escada.

Ah não! Ah não! Ah não! Ah não.

Ouço um ganido.

— Príncipe, não! — Sem pensar, desço os degraus correndo.

Príncipe encosta a pata no vidro. O reflexo no espelho começa a girar como um tornado.

— Se afaste, Príncipe, se afaste! — grito.

O que eu faço? Devo tentar segurá-lo? E se o espelho me puxar lá para dentro? Prometi a meus pais que não iria ao porão! E não posso ir sem Jonah!

Meu coração está disparado. Será que vou? Será que não vou? Vou? Ou não vou?

O espelho se transforma em um aspirador de pó, e, com um ruído alto, Príncipe é engolido.

AHHHHHH!

Seguro o corrimão com força para não ser puxada também. Depois de alguns segundos, o espelho para de girar.

— Abby? — Ouço chamarem.

Eu me viro e vejo Jonah parado no alto da escada.

— O que está acontecendo? — pergunta ele. — Onde está Príncipe?

Respiro fundo e digo:

— Príncipe fugiu de seu quarto, entrou no porão e atravessou o espelho! — Tento manter o tom de voz baixo para não acordar meus pais. Mas está difícil. Isso é uma grande encrenca.

As sobrancelhas de Jonah se levantam.

— Sozinho?

— Claro que sozinho. Estou aqui, não estou?

Ele desce correndo.

— ABBY, VOCÊ DEIXOU MEU CACHORRO ATRAVESSAR O ESPELHO SOZINHO?

— Para começo de conversa, *nosso* cachorro — rebato, ofendida. — Segundo, não foi minha culpa. Você não fechou a porta do quarto direito. E provavelmente foi você quem deixou a porta do porão aberta também!

— Não deixei, não — retruca ele. — Nem entrei no porão hoje. Você que esteve aqui com Frankie, treinando passos de dança.

Ops! Ele está certo. Mas tenho certeza de que fechei a porta. Devo ter fechado.

Jonah retorce o lábio inferior.

— Você acha que Príncipe consegue voltar sozinho?

Bato o pé no chão.

— Não, é claro que não! Como poderia? Ele é um cachorro!

Meu irmão inclina a cabeça para o lado.

— Mas é um cachorro inteligente.

— Continua sendo um cachorro, Jonah. Um *cachorro*. O que vamos fazer?

Ele aponta para o espelho.

— Vamos atrás dele.

Fico agitada.

— Mas prometemos para mamãe e papai que não faríamos isso!

— Mas não temos escolha.

Jonah olha para o novo relógio do Homem-Aranha.

— Temos de ir agora. É meia-noite.

Ele tem razão.

— Espere! Devemos calçar sapatos?

— Nada de sapatos! Não dá tempo! Vamos! — Jonah bate no espelho uma vez. O espelho solta um assovio. Ele bate de novo, e uma luz roxa ilumina o cômodo. Então bate mais uma vez. Rápido. O espelho gira, como se fosse uma máquina de lavar. Sinto meus cachos castanhos enrolarem e rodopiarem. Vejo também o cabelo de Jonah bater feito uma bandeira ao vento.

— Talvez dessa vez seja *João e o pé de feijão* — diz ele, esperançoso. Meu irmão está sempre esperando que seja *João e o pé de feijão*.

— Seria divertido — afirmo, depois completo: — Contanto que o gigante não pise em Príncipe.

Jonah fica branco.

— Eu só estava...

Antes que eu possa dizer *brincando*, o espelho nos suga.

Capítulo três



Brrrrrrrrrr!

Atravessar o espelho nunca dói. Parece que estamos passando por uma porta aberta.

Dessa vez, eu aterrisso em algo macio. E frio. Ainda assim, não dói. É só... frio.

Muito frio.

Congelante, na verdade.

Abro os olhos e tudo o que vejo é branco. O que está acontecendo? Estou dentro de uma nuvem?

Será que estamos na história do Aladim? Será que estou voando num tapete mágico?

Tento me impulsionar para ficar de pé, mas minhas mãos afundam.

Acho que estou na neve.

Cuspo uma coisa que parece gelo. Sim! É neve. Eu me desviro e, finalmente, olho para cima. Vejo céu azul por todos os lados. É, definitivamente estou sobre um monte de neve. Neve! Neve linda, fofinha e branca! Como senti sua falta!

Espere. Qual dos contos de fadas acontece na neve? Vamos ver. Bem, *A pequena vendedora de fósforos* se passa no inverno...

ESPERE.

Ai! Meu! Deus!

Neve! Tanta neve!

Estamos dentro de *Frozen*! Estamos em meu filme favorito!

Já assisti a esse filme umas oitocentas vezes. Sei todas as músicas de cor!

— Pelo visto não estamos em *João e o Pé de Feijão* — comenta Jonah, tirando alguns flocos brancos do cabelo.

— Não — digo, com uma risada. — Estamos em...

— *Frozen*! — grito ao mesmo tempo que Jonah diz:

— *A Rainha da Neve!*

— Hein? — pergunta ele. — Você não me disse que *Frozen* tinha sido baseado em um conto de fadas chamado *A Rainha da Neve*?

Minhas bochechas esquentam apesar do frio. Ele tem razão. É claro que tem razão. O filme *Frozen* foi baseado na história *A Rainha da Neve*, escrita por Hans Christian Andersen. Não posso acreditar que pensei que estivéssemos no filme. É claro que estamos em *A Rainha da Neve*, Maryrose sempre nos leva para a história original.

— Sim! Eu sabia disso — respondo, apressada. — Só estava, hum, testando você. Estamos na história da Rainha da Neve. Óbvio.

— Que bom — diz Jonah. — Eu conheço apenas a versão do filme, mas pelo menos você sabe a história original. Então temos uma ideia do que vai acontecer.

Minha avó é professora de inglês numa universidade em Chicago. Antes de nos mudarmos para Smithville, ela costumava ler os contos de fadas originais para a gente. Eu prestava muito mais atenção que Jonah. Além disso, desde que começamos a atravessar o espelho, tenho relido muitas das histórias por conta própria. Li *A Rainha da Neve*. Algumas vezes. Não tantas vezes quanto os outros contos de fadas.

O livro é dividido em sete histórias, ou capítulos. É bem longo.

E algumas partes são meio confusas.

— É bonito aqui, né? — comenta Jonah.

— Com certeza — concordo. Estamos parados no meio de um campo coberto de neve, o que me lembra um resort onde ficamos no último inverno com nossos pais. Eles queriam que a gente tentasse aprender a esqui.

Jonah amou. Eu não. Passei a maior parte do tempo tropeçando nos esquis enquanto meu irmão deslizava montanha abaixo.

De todo modo, o visual aqui se parece muito com o de lá. Com exceção dos teleféricos. E dos esquiadores. E das pessoas em geral. Aqui vemos apenas montanhas cobertas de neve, pinheiros e céu azul até onde conseguimos enxergar. Não há casas nem cabanas à vista. Respiro profundamente. O ar é fresco, puro e gelado, mas sinto o sol esquentar meu rosto.

Jonah estuda suas mãos nuas e também levemente vermelhas do frio.

— Você acha que nossos dedos vão cair?

Dobro o polegar para a frente e para trás. Como eu gostaria de ter ido dormir de luvas.

— Talvez — respondo. Em seguida mexo os dedos dos pés dentro das meias. Que bom que estou com dois pares. Pelo menos a neve está macia e quebradiça, e não está umedecendo meus pés. Ainda.

— Eu queria que a gente tivesse calçado sapatos — digo. — Ou, ainda melhor, *botas*.

— Estou de pantufas — indica Jonah.

— Que sorte — respondo, olhando para baixo. Suas pantufas são quentinhas e forradas de pele falsa. Ele as ganhou de Hanukkah. Queria eu estar com uma dessas.

Como eu, Jonah também está usando um casaco de lã por cima dos confortáveis pijamas cinza-carvão. O agasalho tem um capuz. Eu levanto as mãos para ajeitar meu gorro de tricô listrado e então fico feliz por nossa casa em Smithville ter problemas de aquecimento.

Espere um minutinho...

Será que Maryrose causou o recente problema de aquecimento? Para que eu e Jonah dormíssemos com roupas bem quentes e estivéssemos mais preparados para visitar essa história? Hummm.

Jonah estende a mão sem luva e me puxa para que eu fique de pé.

— Não podemos ficar muito tempo — aviso, me levantando e espanando os pedaços de gelo da calça de meu pijama de flanela. — Vamos apenas pegar Príncipe e achar o caminho de volta para o porão antes que mamãe e papai acordem. Não temos ideia de que horas são em casa.

— Meia-noite e um minuto em casa — diz Jonah, mostrando o pulso. — Estou com meu relógio do Homem-Aranha.

— Ah! Verdade! Que bom. Vamos aguardar para saber como o tempo passa aqui. — Às vezes, um dia na terra dos contos de fadas equivale a uma hora em casa. Às vezes, uma hora nos contos de fadas equivale a uma hora lá. Os relógios que trazemos marcam como o tempo está passando em casa.

Sempre que atravessamos o espelho, ficamos desesperados para voltar antes das sete da manhã, quando nossos pais costumam nos acordar.

— Tem bastante claridade a essa hora — comenta Jonah, piscando. — Deve estar na metade do dia? Por volta das 12h?

— Parece mesmo — concordo. — Precisamos sair daqui antes que escureça. — Sem o sol, certamente viraríamos picolés.

— Veja essa neve toda! — grita Jonah, cavando com os dois braços. — Sinto falta da neve!

— Eu também — admito.

— É como Naperville, só que melhor! Vamos construir um forte de neve! — exclama ele, se agachando.

— Jonah, acabei de dizer que estamos com pressa. Precisamos encontrar Príncipe e o portal que nos levará de volta. — O portal para casa pode ser qualquer coisa. Uma chaminé. Uma janela. Um espelho. E nunca sabemos o que vai ser até batermos naquilo. — Nada de fortes de neve. Pelo menos não enquanto não acharmos Príncipe e o portal para casa.

— E que tal um boneco de neve?

— Jonah, não vamos fazer um boneco de neve!

— Ei! É como se eu fosse Anna, e você, Elsa — provoca ele. — Você está se recusando a fazer um boneco de neve comigo!

Dou um sorriso.

— Sabe que não vamos conhecer nem Elsa nem Anna aqui, não sabe?

Sua expressão desmonta.

— O quê? Como assim?

— Elas não estavam na história original.

Ele faz um beicinho.

— E Olaf? E Kristoff?

— Não e não.

— Ao menos tem uma Rainha da Neve? — pergunta ele, com um suspiro.

— É claro que tem uma Rainha da Neve — respondo, fazendo um esforço para me lembrar de tudo. — É o nome da história. Mas ela é bem diferente do esperado. É malvada e assustadora.

Os olhos de meu irmão se acendem.

— É mesmo? — Jonah adora as partes malvadas e assustadoras das histórias.

Concordo com a cabeça.

— Você pode me contar a história original? — pede ele.

Esfrego minhas mãos para esquentá-las.

— Vamos procurar Príncipe enquanto conto. — De repente, sinto um frio na barriga. — Jonah, e se ele não estiver nesta história?

— Ahn?

— Nós não atravessamos o espelho ao mesmo tempo. Príncipe pode estar num conto de fadas totalmente diferente do nosso. Tipo *A Bela e a Fera!* Ou *A Princesa e a Ervilha!* — Engulo com dificuldade. Nosso cachorro pode estar tirando um cochilo em cem colchões enquanto escalamos montanhas de neve para encontrá-lo.

— Não, ele está aqui — afirma Jonah, com um tom confiante.

— E como sabe disso?

— Porque aquelas são as marcas de suas patas.

Meu irmão aponta adiante na neve. Vejo as pequenas marcas — um círculo com quatro círculos menores por cima. Parece o desenho de uma flor. E não tem apenas uma marca de pata. Há uma linha enorme através do campo, levando em direção a uma das montanhas.

Eba!

— Príncipe *está* aqui! — comemoro, aliviada. Pelo menos não estamos numa busca cega em um conto de fadas. — Vamos lá — completo, puxando o braço de Jonah. No entanto, paro assim que percebo outro problema em potencial. — Como podemos ter certeza de que essas marcas de patas são de Príncipe, e não, digamos, de um lobo ou algo assim?

Os olhos de Jonah se iluminam de novo.

— Como o lobo de *Chapeuzinho Vermelho*? Você acha que ele está aqui também?

Essa é outra das histórias favoritas de Jonah, que só gosta — e se lembra — das histórias nas quais as pessoas são devoradas ou perdem os dedos dos pés.

— Não, Jonah, não acho que o lobo de *Chapeuzinho Vermelho* esteja aqui. Não notou a quantidade de neve?

— Sim, mas não pode ter outro conto de fadas que se passa no inverno? Não é um eterno verão na floresta da *Chapeuzinho Vermelho*, é? Deve nevar lá às vezes também.

Ah. Verdade.

— Bem pensado. — Dou um suspiro. Jonah está levantando *muitos* pontos importantes. — Então talvez nem estejamos na história da *Rainha da Neve*? — lamento.

— Talvez não.

— Acho que vamos descobrir em breve. — Faço um gesto para que meu irmão me siga. Meu pé afunda na neve a cada passo. As meias estão começando a ficar um pouco molhadas. Que ótimo!

Ouçõ as pantufas de Jonah amassando a neve a meu lado.

— Caso estejamos na *Rainha da Neve* — diz ele — , por que não conta logo a história que ia contar?

— Certo — concordo. — Mas é uma história bem longa. E meio estranha. Vou tentar contar uma versão reduzida. Há duas crianças, Kai e Gerda. Eles são amigos e vizinhos, e a avó de Gerda toma conta deles. Mas um dia Kai desaparece. Todos acham que ele morreu, mas Gerda não acredita nisso. Ela acha que a Rainha da Neve apareceu e lançou um feitiço em Kai. E ela tem razão! A Rainha da Neve anestesiou o coração de Kai usando seus poderes congelantes! Então Gerda decide que vai encontrá-lo e parte numa jornada. No caminho, ela conhece um monte de gente estranha. Num determinado momento, um bando de ladrões a captura!

— Bando? — interrompe Jonah. — Tipo um grupo de cantores?

— Não banda, bando. Tipo um monte de gente.

— Então por que se chama bando?

— Sei lá — respondo. — Porque sim.

— Tem certeza de que eles não cantam?

— Sim — respondo, me arrastando por um monte de neve. — Tenho certeza. Não tem nada a ver com banda.

Quando digo a palavra *banda*, Jonah para e finge que está tocando uma guitarra imaginária.

— Já disse que não tem *nada* a ver.

— Eu sei. Mas é uma pose divertida.

Eu escorrego no gelo e caio de bunda no chão. Ai. Me forço a ficar de pé e ajeito meu gorro.

— Posso continuar contando a história?

Jonah brinca mais um pouco de guitarra imaginária.

— Sim. Continue.

Enquanto falo, vamos seguindo as pegadas pela neve.

— Entre os ladrões, há uma menina. E essa menina deixa Gerda fugir, lhe emprestando uma rena.

— Sven!

— Não é Sven. Uma rena qualquer. — Eu desvio de outra poça de gelo.

— Ainda assim. Eu sempre quis ver uma rena. — Jonah tenta subir num banco de neve íngreme enquanto conversamos.

— Cuidado, Jonah — alerta. — Bom, talvez vejamos uma rena. Vai depender de onde a gente estiver na história. Se é que estamos mesmo em *A Rainha da Neve*. De todo modo, a pequena ladra ajuda Gerda a escapar, e ela finalmente encontra o caminho para o castelo de gelo. Ela vê Kai, que definitivamente está sob o feitiço da Rainha da Neve, e o abraça e chora, então suas lágrimas se misturam as dele. Isso faz o feitiço se quebrar, e ele é descongelado. Aí, ele sai do transe e vai com ela para casa.

Jonah se abaixa para pegar um pouco de neve, deixando-a em seguida escorregar de sua mão.

— E o que acontece com a Rainha da Neve?

Dou de ombros.

— Nada. Ela não estava lá.

— Como assim?

— Não sei. Ela não está por perto no fim da história. Está viajando ou algo assim.

— Que conveniente — comenta Jonah.

— Realmente — concordo. Chegamos ao pé de uma montanha. As marcas de pata sobem e continuam atrás de uma árvore. Nós as seguimos. Espero que ele não tenha subido muito.

— Bom, a história nem foi *tão* complicada assim. Ou longa.

— Tem mais um monte de coisa que não faz sentido — explico. — Tipo, tem um troll.

— Um troll? Um troll bonzinho?

— Não. Ele quebra um espelho e os pedaços saem voando, e entram nos olhos e nos corações das pessoas, deixando-as frias e congeladas.

Jonah estreita as sobrancelhas.

— Achei que fosse a Rainha da Neve que congelasse os corações das pessoas.

— Sim. Essa é a parte confusa. Eu não sei. Só fique longe de espelhos quebrados, combinado?

Ele assente.

— Combinado.

Sinto algo molhado e frio aterrissar em meu nariz.

Olho para cima. Flocos de neve. Milhares, caindo pesadamente. Está nevando.

— Que lindo! — exclama Jonah. — É como se estivéssemos em um globo de neve!

São bonitos mesmo. Parecem confetes.

— Deveríamos continuar andando — digo. Só que, quando olho para baixo, percebo qual o

problema dos belos flocos de neve. — Ah, não! As marcas de patas estão sendo apagadas! Não sei mais para que lado Príncipe foi.

— Shhhh!

— Não me mande ficar quieta, Jonah. Temos um problema de verdade! — Agora que estamos subindo a montanha e que estamos entre as árvores, já não consigo mais sentir o sol bater, e minhas bochechas começam a congelar.

— Ouviu isso? — sussurra ele.

— O quê?

Então eu ouço.

Au!

— Príncipe! — grito, conforme um monte de flocos de neve cai em meus cílios. — É você? Príncipe, onde está você?

Au, au, au!

Príncipe! É ele!

Au, au!

Reviro os olhos quando percebo de onde vêm os latidos.

Do alto da montanha.

Obrigada, Príncipe. Muito obrigada.

Capítulo quatro



Subindo

— Vamos, vamos! — estimula Jonah, enquanto tentamos escalar a colina nevada. A montanha está tomada por pinheiros. Parece um labirinto. Um labirinto cheio de neve numa montanha. Pelo menos parou de nevar.

— Isso seria bem mais fácil com um teleférico — reclamo.

— Você consegue! — encoraja ele. Jonah faz aulas de escalada no fim de semana. Eu não. Você poderia achar que lições de escalada não fariam diferença nessa situação, considerando que estamos escalando uma montanha nevada, e não uma parede, mas fazem sim.

Não sou muito boa nisso. E, para piorar, minhas pernas estão um pouco dormentes.

— Pise com o calcanhar — orienta ele.

— Estou tentando, Jonah. Mas estou de meias! E, de todo modo, como assim *pisar com o calcanhar*? Com o que mais eu pisaria?

— Você devia ter vindo de botas — diz ele. — Ou de pantufas.

Estreito os olhos. Depois me abaixo, faço uma bola de neve com meus dedos gélidos e meio duros e a jogo na parte de trás de sua cabeça.

Na mosca!

— Ei! — grita meu irmão.

Não consigo deixar de rir.

— Desculpe! Foi um acidente! Meus membros não estão me obedecendo direito neste frio.

— Ah, é? — Jonah ri, então espana a neve do ombro e sai correndo até sumir de vista.

— Não se atreva, Jonah! — aviso.

Ele não responde.

Eu me abaixo e faço outra bola de neve. Meus dedos estão congelando, mas vai valer a pena quando eu ganhar a guerra de bola de neve.

— Estou pronta para você! — grito, e, com cuidado, me arrasto montanha acima.

Nada.

Nada.

Na...

Uma bola de neve imensa vem voando em minha direção, como uma assustadora bola de futebol branca. Eu desvio e arremesso a bola de neve que trazia nas mãos.

A bola de Jonah aterrissa no chão a meu lado.

— Errou! Errou! — comemoro.

— Abby! — diz Jonah. — Você acertou o ombro de alguém!

— O seu, espero! — respondo, me vangloriando.

Ele vem correndo até mim.

— Não. Você acertou uma criança!

— O quê? — pergunto. — Quem?

Olho ao redor e percebo que chegamos ao topo da montanha. Há uma criança parada ali, com um montinho de neve no ombro. Ele tem mais ou menos minha idade, cabelo castanho-claro desgrenhado e rosto pálido. Usa calças cinza, botas (o que me deixa com muita inveja), um suéter azul-marinho e echarpe verde. E luvas. Luvas azul-marinho. Luvas lindas e quentes. Sinto ainda mais inveja das luvas que das botas. Tenho de me segurar para não tirar tudo aquilo dele. Em vez disso, tento não parecer uma louca e me desculpo.

— Olá — cumprimento. — Me desculpe por ter acertado você com a bola de neve. Era para acertar meu irmão!

Ele não me responde, apenas cata galhos do chão.

Será que vai tentar me acertar com um deles?

— Eu sinto muito mesmo — repito.

Em vez de responder, o menino pega outro galho e começa a se afastar.

— O que há de errado com ele? — pergunta Jonah.

Faço uma careta.

— Espero não ter acertado sua cabeça e provocado uma concussão. Com licença? — digo ao menino. — Você está bem?

Dessa vez, ele se vira e olha em nossa direção. Mas, em vez de olhar *para nós*, é como se olhasse *através de nós*.

— Os olhos dele parecem de zumbi — sussurra Jonah, a voz trêmula de excitação.

O menino tem mesmo olhos de zumbi. As íris são verdes, mas as pupilas não são pretas. São brancas. É bem assustador.

— Flores — diz o garoto, depois continua a se afastar de nós.

— Ahn? — pergunto. — Ele disse *flores*? Não existem flores em pleno inverno.

— Não é verdade — corrige Jonah. — Existem *heléboros*.

— Ahn?

— *Heléboros*! É uma espécie de flor! E também tem a *flox*! Aprendemos sobre elas na escola.

— Sério mesmo?

— É verdade!

— Se você está dizendo, Jonah — admito, então olho adiante e vejo que o menino continua andando. — Talvez ele tenha falado *outra coisa* e não *flores*? Será que devemos segui-lo?

Com cuidado, seguimos o menino pelas árvores. Até passarmos uma última árvore e chegarmos a uma clareira. Fecho os olhos conforme a luz do sol beija meu rosto, me esquentando instantaneamente.

Ahhhh. Muito melhor.

— Uau! — exclama Jonah. — Veja aquilo.

Abro os olhos imediatamente.

Ah, uau.

Uau, uau, uau.

Estamos *mesmo* na história da Rainha da Neve.

Sei disso porque bem diante de nós está o castelo de gelo.

Não é exatamente um castelo. Se parece mais com um iglu comprido e alto. As paredes são feitas de pequenos tijolos de gelo que brilham sob o sol, como se fossem diamantes. No entanto, o teto é reto, embora tenha uma grade feita de estalactites de gelo.

— Uau. Esse é o lugar mais legal onde já estive — comenta Jonah.

O menino misterioso não parece impressionado pelo castelo-iglu. Ele segue direto pelo jardim coberto de neve e pelas portas cobertas de gelo.

— Por que ele entrou ali com um monte de gravetos? — penso alto.

— Talvez esteja construindo uma fogueira — responde Jonah. — Deve ser frio lá dentro. Não. Espere! Aposto que são braços!

— Hein?

— Braços para os bonecos de neve! Olhe para o telhado!

Olho para cima. No telhado, há dois bonecos de neve inteirinhos, com gorros, cenouras no lugar do nariz, carvão nos olhos e braços de gravetos. Há mais um em construção, com nariz e gorro, mas nenhum braço.

— E olhe lá! — continua meu irmão, apontando para a lateral do jardim, onde há mais três bonecos, um pequeno forte de neve e marcas no chão que lembram anjos feitos na neve.

Eu engasgo.

— Jonah! Sei quem é o menino. Deve ser Kai!

— Quem?

— O menino! Da história. O amigo de Gerda! O que a Rainha da Neve enfeitiça. Não parecia que estava enfeitiçado?

— Com certeza — afirma Jonah. — Um feitiço zumbi. Um feitiço zumbi para construir bonecos de neve.

E então ouvimos mais uma vez:

Au! Au! Au! Au!

Meu coração dá um salto. É o latido de Príncipe. Parece bem mais perto.

— De onde está vindo o barulho? — pergunto.

Au!!

Olho para cima mais uma vez.

É Príncipe! Está no telhado! Ele corre na direção da grade, derrubando um dos bonecos de neve ao sair.

Nunca estive tão feliz por ver aquele corpinho marrom e peludo. E ele nos vê também! E late para

nós!

— Oi, Príncipe, oi! — digo, ficando na ponta dos pés para vê-lo melhor.

— Consegue descer aqui? — pergunta Jonah para ele.

— Acho que é muito longe — observo. É uma altura de uns dois andares. — Não pule! — grito.

— Vamos buscar você aí, Príncipe. Amamos você!

Au, au!

De repente, uma mulher — bem, está mais para uma adolescente — surge no telhado ao lado de Príncipe. Seu cabelo é comprido, ondulado e prateado; seus olhos têm um tom gélido de azul. Ela usa um longo vestido branco e uma capa branca de pele. Sua pele brilha como se estivesse coberta de glitter.

Meu fôlego fica preso na garganta.

É a Rainha da Neve. Tem de ser ela. Não consigo desviar os olhos. Embora seja a rainha do gelo, é hipnotizante como fogo.

— Pare com esse escândalo, seu vira-lata — diz ela para Príncipe, com a voz tão fria quanto gelo.

Suas palavras lançam uma rajada de medo por todo o meu corpo. Jonah silenciosamente se esconde atrás de mim.

— É Elsa? — pergunta ele.

— Não, *não* é Elsa — informo, com delicadeza. Essa Rainha da Neve é aterrorizante. — De onde ela veio? — penso em voz alta. — Ela apareceu ali magicamente? — Em seguida, Kai surge no telhado, segurando os gravetos na mão. Ele os coloca no boneco de neve que estava sem os braços. — Ele apareceu do nada também? — pergunto.

— Não, os dois vieram de uma escada no meio do telhado. Logo atrás de Príncipe.

Ah, tá.

Au, au, au, au! Príncipe nos chama e pula para cima e para baixo. Exatamente como faz quando chegamos da escola. O corpo inteirinho treme tamanha a animação.

— Pare com esses latidos imediatamente — ordena a Rainha da Neve. — Ou vai se arrepender.

— Ah, não — murmuro. É como se estivéssemos momentos antes de uma tempestade. O ar fica rarefeito, e o céu, escuro. Alguma coisa terrível vai acontecer, sei que vai.

Com as mãos, Jonah tenta pedir a Príncipe que fique quieto, mas, em vez de ouvir, nosso cachorro apenas abana o rabo e late ainda mais alto.

A Rainha da Neve se aproxima do bichinho.

— Não diga que não avisei — diz ela, então se inclina na direção do cachorro e enruga os lábios. O que ela está fazendo?

— Príncipe! — grito. — Corra, Príncipe, corra!

Com a boca arredondada, parece que a Rainha da Neve vai jogar um beijo para o cão. Mas não é bem um beijo. Eu consigo ver o ar saindo de seus lábios. Como se fosse fumaça saindo de uma chaleira. Um pequeno tornado branco.

Príncipe levanta a pata para começar a correr.

Mas o beijo o atinge e ele desacelera, parecendo ter ficado tonto. A Rainha da Neve junta os lábios novamente, e outro tornado sai de sua boca.

— Estou com medo — diz Jonah, com a voz trêmula.

— Príncipe — grito mais uma vez.

Um som triste escapa da boca canina, então ele congela em meio a um movimento. Solidificando-se no lugar. Uma pata para cima, prestes a dar o próximo passo, e o rabo ereto, ainda em alerta. Seu pelo ganha uma cobertura branca. Parece um cachorro que foi trancado em um freezer por tempo

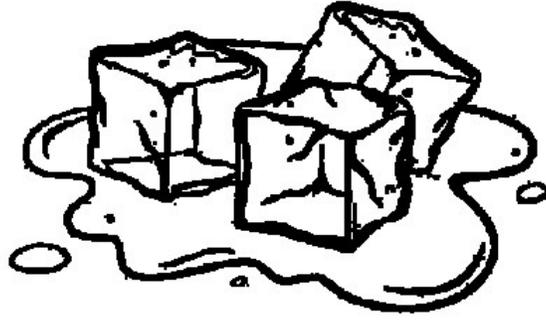
demais. Parece que tem queimaduras de frio. Parece...

Engasgo. Sinto uma punhalada no peito.

Parece congelado.

A Rainha da Neve acaba de congelar meu cachorro.

Capítulo cinco



Cãocolé

— Não! — grito ao mesmo tempo que Jonah. — Não, não, não!

Estou chocada demais para me mexer.

Mas meu irmão começa a correr na direção do castelo-iglu. Então escorrega e cai.

Meu coração bate com força enquanto tento ajudá-lo a ficar de pé.

— Ela machucou nosso cachorro! — lamenta Jonah. — Ela o transformou em um picolé! Não, em um *cãocolé*!

— Por acaso ele está... — Eu não consigo terminar a frase. Ele não pode estar morto. Simplesmente não *pode*. Sinto um nó na garganta.

— Os olhos estão piscando. Veja! Ele está vivo. Só está congelado! Você congelou nosso cão, sua pessoa cruel! — Jonah acena para o telhado com o punho.

— Shhhh! Jonah! — reclamo, apertando seu braço.

A Rainha da Neve dá um passo para frente, na direção da grade.

— Venham aqui, crianças. Se aproximem. Venham brincar com Kai. Vocês já fizeram anjos na neve?

Kai parece estar em transe. Está deitado de costas no telhado, mexendo os braços para cima e para baixo enquanto faz o que imagino ser um anjo na neve.

— Ela dá medo — sussurra Jonah. — Temos de ir até lá?

— Eu não sei — sussurro de volta. — Precisamos salvar Príncipe, mas não quero que a Rainha da Neve nos enfeitice. Aí todos nós ficaremos encrencados.

— Qual feitiço? O feitiço zumbi ou o *cãocolé*?

— Qualquer um dos dois!

— Venham, crianças — convida a Rainha da Neve. — Cheguem mais perto. — Ela junta os lábios. — *SM-ACK!* — O tornado de fumaça branca sai de seus lábios. E vem direto em nossa direção.

Pego Jonah pela mão e o puxo para trás. Para longe do jardim.

— Corra! Ela está soprando um beijo mágico para nós!

Jonah puxa a mão dele.

— Não podemos deixar Príncipe!

— Temos de deixar — digo, me sentindo péssima, mas sabendo que não temos escolha. — Vamos voltar para buscá-lo quando a rainha não estiver aqui! Na história original, ela está sempre viajando! Vamos voltar quando ela estiver fora da cidade.

— Mas como vamos saber que ela está fora? — indaga Jonah.

Mais um tornado de fumaça vem em nossa direção.

— Eu não sei. Mas precisamos sair daqui AGORA. Temos de descer essa montanha correndo! — Puxo o braço de meu irmão, e saímos apressados.

— Me siga! — grita Jonah. — Tem uma área sem árvores! A gente vai escorregando. É uma linha reta até lá embaixo! Vai ser mais rápido.

Eu o sigo, pegando fôlego enquanto corro.

— Escorregando? — pergunto, preocupada. — Como num trenó?

— Sim! — confirma ele, ainda correndo. — Só que sem o trenó.

— Apoiados em que, então?

— De bruços!

— Não, não, não! Vamos quebrar o nariz!

Chegamos na clareira e hesitamos na beirada. Parece íngreme. Bem íngreme.

— Podemos ir rolando? — sugere Jonah.

— Acho que é mais seguro ir de costas. Como se fosse um escorrega aquático.

Jonah assente, com um brilho no olhar.

— Vejo você lá embaixo! Um, dois, três e já! — Ele dá três passos para trás, corre e dá um salto colina abaixo.

— Minha nossa. — Espero não me arrepender disso. Rapidamente me lanço para baixo de uma só vez.

Vou rápido.

O gelo está duro contra minhas costas, e o impulso empurra minha cabeça para baixo, embora eu queira me sentar para ver aonde estou indo. O vento, o gelo e a neve batem em minhas bochechas. Preciso fechar os olhos, pois começam a queimar de frio. Queria estar usando óculos de proteção. Queria ter um capacete. Queria ter um tobogã.

— Não bata numa árvore. Não bata numa árvore — repito para mim mesma sem parar, como se fosse um mantra.

Mas preciso admitir: se não estivesse com medo de bater numa árvore, até que estaria me divertindo.

Jonah certamente está. Consigo ouvi-lo gritando de longe “Uhuuu!”.

— Está quase lá! — avisa ele.

Abro meus olhos.

Esse lado da montanha termina em um lago congelado. Um lago congelado no qual estou prestes a bater.

Me preparo para o impacto.

— Eita! — grito, enquanto escorrego, escorrego e escorrego pelo lago, girando como um pião.

Quando enfim paro de rodar, tento ficar sentada, mas estou tonta.

Não consigo mais ver a Rainha da Neve nem seu bafo medonho. Será que isso quer dizer que a despistamos? Só espero que a gente não tenha perdido Príncipe também. Tento não pensar em como iremos escalar aquela montanha de novo.

Mas onde está Jonah?

Eu o vejo a alguns metros, do outro lado do lago.

— Foi incrível — comenta ele ao deslizar em minha direção.

— Se você está dizendo... — respondo.

Tudo bem, admito. Foi meio incrível mesmo.

— E o que fazemos agora? — pergunta ele, parecendo preocupado.

Boa pergunta. Olho na direção da montanha.

— Precisamos voltar lá e descongelar Príncipe, mas temos de esperar a rainha sair.

— Mas como vamos saber que ela saiu? — insiste meu irmão.

— Me deixe pensar. — Eu me esforço para levantar do gelo. Com toda aquela excitação, tinha me esquecido do frio, mas, ao ficar de pé, parada, sinto um calafrio por todo o corpo. Esfrego as mãos no suéter de lã. Queria estar usando dois casacos. Ou talvez uma roupa de neve.

— E se esperarmos algumas horas antes de escalar de novo? — sugere Jonah.

— É, pode ser — respondo. — Se bem que um helicóptero com aquecimento seria agradável.

Os olhos de meu irmão se arregalam.

— Eu seria um excelente piloto de helicóptero.

Bufo.

— Tenho certeza de que seria, Jonah. Mas, sério, não sei por quanto tempo mais podemos ficar aqui fora, vestidos como estamos. Se o sol se puser, estaremos fritos. Vamos congelar.

Jonah dá uma olhada no relógio.

— Meu relógio marca uma. Quantas horas acha que se passaram desde que chegamos aqui?

O sol já está mais baixo.

— Parece três da tarde, não?

Ele concorda com a cabeça.

— Então uma hora em casa equivalem a três aqui?

— É o que parece — afirmo, tentando me acalmar. Só estivemos fora por uma hora. Meus pais continuam dormindo. Vamos chegar em casa antes que acordem. Eles não vão descobrir que quebramos a promessa.

Eu hesito.

— Ei, Jonah? Talvez eu deva ficar com o relógio. Por segurança.

Ele aperta o pulso de modo protetor.

— De jeito nenhum! É meu relógio do Homem-Aranha e quero usá-lo! Vai ficar seguro comigo. Eu juro.

— Tão seguro quanto ficou o iPhone do papai? Ou o laptop da mamãe? Ou o jogo do Caratê Crocs?

No último mês, Jonah deixou o celular do papai no *canto* de um balcão, de onde o aparelho caiu e quebrou. Depois, de algum modo e sem motivo aparente, ele retirou as teclas G e K do teclado da mamãe. Além disso, deixou o próprio jogo do Caratê Crocs cair no vaso.

Ele não é muito cuidadoso com eletrônicos.

— Vou tomar cuidado — reforça ele. — Ei! Quer patinar enquanto esperamos a Rainha da Neve ir embora?

— Você trouxe patins pelo espelho também?

— Não, quem dera. Quis dizer fingir que estamos patinando. Tipo assim. — Ele tenta patinar de pantufas no gelo. — Ou podemos jogar hóquei! — Ele corre e finge que está perseguindo um disco. Aí acaba tropeçando e caindo de cotovelo no gelo.

E então eu ouço.

Um estalo bem alto.

Ah, não. Não gosto do som de estalos. Estalos não querem dizer coisa boa. Não para os ossos. Ou para os espelhos. Ou para lagos congelados.

— Jonah? O que foi isso?

Meu irmão está totalmente imobilizado.

O gelo está se partindo a seu redor.

— Abby — diz ele, devagar — , acho que temos um problema.

— Ah, jura? — retruco.

— O que eu faço? — grita ele.

Tento não entrar em pânico.

— Não se mexa! Não quero que piore as coisas.

— Mas, se eu não me mover, como saio do lago que está prestes a rachar?

Bem pensado.

— Certo, talvez seja bom se mover. Mas consegue vir bem devagar até mim?

Ele se levanta com cuidado. O gelo ainda se mantém.

— Agora venha até aqui — peço.

Ele dá um passo. Tudo bem por enquanto.

Prendo a respiração.

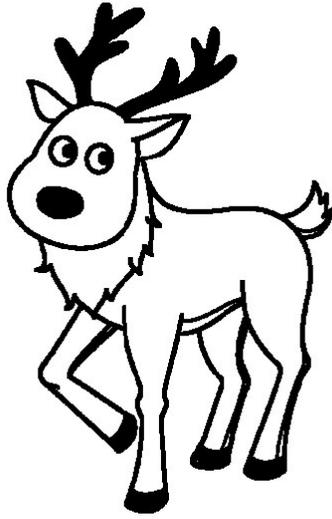
Ele dá mais um passo. Mais um.

Crec! Crec! Crec! Parece um monte de pipoca estourando. Uma teia de rachaduras se espalha pelo gelo.

As rachaduras vêm em minha direção.

Eu e Jonah nos encaramos. E... *crec!* O lago racha, e nós dois caímos dentro da água congelante.

Capítulo seis



A pior piscina do mundo

Na água fria, sinto como se milhares de agulhas furassem meu corpo inteiro.

Bato as pernas e os braços para continuar boiando. Ai, ai, ai! A água está tão fria! Nunca senti uma água tão fria assim!

Onde está Jonah? Ele está bem?

Eu me esforço para manter a cabeça acima do nível da água. Meu gorro caiu e provavelmente já afundou.

Estou cercada por grandes blocos de gelo flutuantes. Ótimo. Realmente excelente. Já não gosto de nadar em água normal. Imagine em água congelante e cheia de pedaços de gelo me cutucando e tentando me transformar num picolé humano. Pelo menos não existem tubarões em lagos.

Não existem tubarões em lagos, certo?

CERTO?

— Jonah! — grito. — Jonah, você está bem?

Não consigo ouvi-lo. Não o vejo! Preciso salvar Jonah! Onde ele está?

— Estou aqui! — responde meu irmão. Com o braço esquerdo no ar, ele vem se batendo em minha direção. — Estou bem! Ou quase! É difícil nadar enquanto tento manter o relógio seco! Mas não se preocupe, Abby! Não vou deixar que nada aconteça com o relógio! Prometo! Vou mantê-lo

em segurança custe o que custar!

— Não se preocupe com o relógio! — grito de volta. — O importante é você não se afogar!

Meus dedos dos pés e das mãos começam a congelar. *Tenho de continuar nadando! Não posso me afogar!* Preciso de um plano.

Sim. Um plano!

E qual é meu plano? O que faço para não me afogar?

Ah! Já sei. Preciso sair da água. Preciso alcançar terra firme.

Mas onde está a beirada?

Tento me agarrar a um pedaço de gelo que parece estável, mas ele se quebra em minha mão. O que eu faço? Preciso pensar. Não consigo pensar. Cérebro está muito frio. Dentes tre-tre-tremendo. Pés muito frios. Não consigo me mexer.

Pow.

Ai!

Algo pesado bateu em minha cara. Um tubarão está comendo meu rosto!

Não. Estamos num lago. Não existem tubarões em lagos. CERTO?

Então ouço:

— Agarre a corda!

Corda?

Dou outra olhada na coisa pesada e flutuante ao lado. Ah! É mesmo uma corda! Eu a pego com minhas mãos congeladas.

— Segure firme! — Ouço.

Faço meu melhor para manter as mãos apertadas na corda, segurando-a. Forço cada músculo a enrolar as pernas na extremidade. Sinto a corda ser puxada. Estou sendo puxada para a costa. Continua esbarrando em caquinhos e pedaços de gelo.

— Jo-nah também! — grito. — Jonah também! — Pelo menos, acho que grito. Não consigo perceber se minha boca está mesmo se movendo.

Por fim, sinto gelo firme sob meus pés. Chão. Chão de gelo. Mas ainda assim chão.

— Vista isso — diz a voz. Um grande cobertor marrom cobre meus ombros encharcados. Ahhhh. Calor. T-t-tão bom.

— O-o-obrigada — digo, com os dentes batendo. — Jo-Jonah. Meu irmão. Precisamos pegá-lo. Me dê a cor-corda. Preciso vol-voltar para o lago.

— Nós o pegamos — esclarece um pinheiro.

A árvore salvou Jonah! Viva!

Não. Espere. É meu cérebro congelado quem está falando. Ou talvez meus globos oculares tenham congelado. Eu pisco diversas vezes. Parado a meu lado, há um pequeno pinheiro falante. Ele tem o tronco marrom e muitas agulhas verdes salientes.

Além disso, tem olhos azuis e um nariz pontudo.

Eu levo alguns segundos para perceber que a árvore é uma menina, na verdade. Ela está vestindo calças marrons e um casaco verde-escuro, que tem agulhas de pinheiro grudadas. O rosto está pintado de verde-escuro, e ela usa um chapéu que também tem agulhas de pinheiro. Um tufo de cabelo louro aparece sob o chapéu.

É uma garota fantasiada de árvore!

Será que é Halloween neste reino?

A menina parece ser nova. Mais ou menos de minha idade. Há ainda uma mulher, que também está vestida de árvore, parada atrás da garota. Ela está usando um tapa-olho em um dos olhos

enquanto concentra o outro em mim.

A garota aponta para o outro lado do lago e faz um gesto para um monte sentado na neve, tremendo. Percebo que não é exatamente um monte — é meu irmão enrolado num cobertor marrom. Outras duas árvores estão paradas a seu lado. Então são mais duas pessoas fantasiadas de árvore.

— O-o-obrigada — consigo dizer. — Meu irmão está bem?

— Tá, sim. — A garota-árvore sorri. — É seu dia de sorte.

— Posso perguntar por que vocês estão vestidas de árvore? — indago, ainda tremendo. — É esse o estilo aqui?

— É *nosso* estilo — responde ela, rindo.

Humm. O que isso quer dizer?

— Por que vocês estavam no lago, aliás? — questiona a menina.

— É uma longa história — respondo. — Mas, basicamente, a Rainha da Neve roubou nosso cachorro.

Os olhos azuis ficam arregalados.

— A Rainha da Neve? Sério? O castelo fica aqui por perto?

— Fica bem no alto da montanha — conto.

— Não brinca — diz a garota-árvore. — Eu adoraria conhecê-la. — Ela se vira para a mulher-árvore de tapa-olho. — Mãe! A Rainha da Neve mora aqui perto!

A mulher-árvore olha para a garota-árvore e depois para mim com o olho bom.

— Subam no trenó.

Isso foi meio grosseiro, penso.

A garota-árvore toca meu braço molhado.

— Ei, é melhor você colocar uma roupa seca antes que fique doente. Quer algumas roupas emprestadas?

— MUITO obrigada — digo, me sentindo realmente agradecida. — Por acaso também tem um par de sapatos extra? Ou botas? Mal consigo sentir os dedos do pé.

— Com certeza temos alguma coisa no trenó — responde ela. — Venha comigo.

— Jonah pode vir também? — pergunto. — Ele deve estar congelando.

A menina ri de novo.

— Ah, sim, vocês dois vêm.

Uma resposta estranha, mas eu aceno e chamo meu irmão, que se levanta enrolado no cobertor. Vejo que ele perdeu as pantufas no lago. Quantos pares de sapato perdemos nos contos de fadas a essa altura? Um milhão?

— Minha mãe não quer chegar muito perto da Rainha da Neve — sussurra a garota-árvore. — Mas eu adoraria conhecê-la. Ela tem o poder de congelar as coisas! Eu bem que queria ter esse poder também.

— Mas ela não parece ser muito legal — comento. — Ela usa os poderes para machucar as pessoas.

A garota-árvore dá de ombros.

— E daí?

Jonah chega, batendo os dentes.

— Você está bem? — pergunto, colocando meu braço em volta dele.

— É claro! Foi di-divertido.

Luto contra a vontade que tenho de revirar os olhos. Só mesmo meu irmão para achar divertido quase morrer afogado num lago congelado.

— Ela vai nos dar algumas roupas — explico, enquanto seguimos a garota-árvore floresta adentro. As outras três mulheres-árvores não estão muito atrás de nós. — Não é gentil da parte dela?

— O-o-obrigado — agradece Jonah à garota-árvore. Então ele sussurra para mim: — Por que elas estão todas ves-vestidas de ár-árvore? Vamos ter de nos vestir de ár-árvore também?

— Eu não sei — respondo. — Mas prefiro me vestir de árvore a continuar com esse pijama encharcado.

— Eu-eu também — concorda ele.

— É bem ali — indica a garota-árvore.

Levo um instante para ver o trenó, porque é branco e se mistura com a neve. Quando consigo avistá-lo, vejo que há também um cavalo branco e cinza na frente dele.

Espere. Não é um cavalo. É maior. E tem dois grandes chifres saindo da testa.

— Aquilo é uma rena? — pergunto.

— Sim — afirma a menina.

— Legal! — exclama Jonah. — Sempre quis ver uma rena.

— Na verdade, o nome correto é “caribu” — explico. Esse caribu tem um pequeno sino em volta do pescoço.

— Bem, eu prefiro “renas” — responde o bicho.

Eu pisco, surpresa. Por acaso a rena acabou de falar? Não. Devo ter imaginado isso. Encaro a criatura.

— A rena comeu sua língua? — continua a rena.

Meu cérebro deve ter se danificado com o frio do lago.

— Mais alguém ouviu a rena falar? — questiono.

— Eu ouvi! — diz Jonah. — Você pode falar? — pergunta ele ao animal.

— Incrível, né? — zomba a rena. Sua voz é bem grossa. — Assim como você. Deveríamos ganhar medalhas por isso?

Eu rio, chocada. Não consigo evitar. Uma rena está zoando com nossa cara. De todas as coisas que imaginei que pudessem acontecer quando atravessei o espelho no porão, essa não era uma delas.

Embora, pensando nisso, talvez a rena da história original da Rainha da Neve falasse mesmo.

— Vista isso aqui — ordena a garota-árvore, conforme pega algumas roupas na parte de trás do trenó e as entrega para mim. Tem uma tonelada de coisas no trenó. Alguns pratos e garfos e colheres de prata, uns porta-retratos e mais cobertores e mais roupas. Aquilo é uma estátua? E um quadro? Que estranho.

Dou uma sacudida na roupa. É de pele. E branca.

— Isso é uma fantasia de urso-polar? — pergunto.

— Sim — confirma a menina.

— A minha é de pinguim — indica Jonah. — Sempre quis uma fantasia de pinguim! E tem um capuz!

Eu me cubro com o cobertor para ter alguma privacidade na frente das mulheres-árvore. Então tiro o suéter, o pijama e as meias molhadas. Depois visto o macacão de pelo branco, que tem um zíper do lado. Em seguida, visto as luvinhas e as botinhas de pelo branco. A cabeça da fantasia é separada. Também é branca e peluda, mas tem um nariz preto, buracos para a boca e para os olhos, assim como duas orelhas peludas e brancas. Visto tudo. Não porque quero parecer um urso-polar, mas porque meu rosto está muito gelado e meu cabelo molhado está virando gelo.

Solto o cobertor e ressurjo.

Vejo Jonah. Ele me vê. Rimos histericamente.

— É você, Abby? — pergunta ele.

— Sou eu — digo.

A fantasia de Jonah é ainda mais ridícula que a minha. Seus braços e pernas são pretos, mas há uma forma branca oval e gigantesca sobre a barriga, e suas botinhas são amarelo-ovo. Pelo menos a roupa não cobre seu rosto. Tem só um bico amarelo e olhos brancos no capuz.

— Por acaso é um feriado à fantasia neste reino? — pergunto à garota-árvore.

— Claro — concorda ela, rindo de novo. — Um feriado à fantasia.

Estou tendo um mau pressentimento, mas não sei dizer bem por quê.

— Como é o nome desse reino? — questiono.

— Não é um reino — explica ela. — É uma república. Não há rei ou rainha.

— Mas e a Rainha da Neve? Ela não é a rainha? — pergunto.

— Ela tem poderes congelantes, mas não governa a república. Ninguém governa a República da Nevasca.

— Então por que a chamam de rainha?

Ela dá de ombros.

— Talvez Rainha seja o sobrenome dela?

Jonah lambe os lábios.

— Esse é o nome da república? Nevasca?

— Sim — confirma a garota-árvore.

— Igual ao nome do sorvete do Dairy Queen? Amo esse sabor. Aceitaria um sorvete do Dairy Queen agora.

— Sério, Jonah? — digo. — Sorvete? Agora?

Ele dá de ombros.

— Estou com fome. — Jonah dá um tapinha no ombro da garota-árvore. — Tem alguma coisa de comer no trenó?

— Temos chocolate quente — informa ela, então alcança a traseira do trenó, pega uma garrafa térmica e serve o chocolate quente em duas canecas.

Tomo um bom gole. *Hummmm*. Não estou exagerando ao dizer que esta deve ser a coisa mais gostosa que já provei na vida. O líquido quente faz meu corpo derreter do melhor jeito possível.

— Ah, agora sim — comemoro. — Obrigada — agradeço novamente à menina. — Por tudo.

— Não foi nada — diz ela, ficando vermelha e olhando para o chão coberto de gelo.

— Não, de verdade. Vocês salvaram nossas vidas. Eu queria poder dar um presente em agradecimento! Tipo, chocolates. — Penso no pobrezinho do Kai. — Ou flores!

— Eu sou alérgica a flores — comenta ela. — Elas me fazem espirrar.

— Então certamente flores não — respondo. — Mas, é sério, nós teríamos congelado sem essas roupas. Vamos devolvê-las para você quando não precisarmos mais delas. Quer dizer, não sei bem como faremos isso considerando que não moramos aqui perto e não ficaremos por muito tempo. Ah! Talvez possamos trocar as fantasias por nossos pijamas? Eles vão secar em algum momento. E são muito confortáveis. E praticamente novos.

Provavelmente deixamos ainda mais pijamas que sapatos nos contos de fadas.

— Sim! Posso usar essa fantasia no Halloween! — grita Jonah, acariciando a barriga de pinguim.

A rena bufa.

— Vocês não sabem de nada mesmo.

Eu fico tão perplexa por ouvir bicho falando de novo que demoro alguns segundos para registrar o que ele disse.

— Como é que é?

A rena olha em minha direção e começa a piscar. De novo e de novo e de novo. O que ele está fazendo?

— Você está bem? — pergunto. — Tem alguma coisa em seu olho?

Ele suspira e para de piscar.

— Vocês não sabem de nada mesmo.

A garota-árvore concorda com a cabeça.

— Ele tem razão. Não sabem mesmo.

— Ahn? — pergunta Jonah.

Minhas bochechas esquentam. Isso não é verdade! Não gosto que digam isso! Sei um monte de coisas. Sinto vontade de rugir para a garota-árvore, como se eu fosse um urso-polar.

Ela puxa uma folha de pinheiro da boca e diz:

— Vocês dois vêm conosco.

— Não vamos, não — respondo rapidamente.

— Temos de resgatar nosso cachorro — explica Jonah. — Ele está com a Rainha da Neve e foi congelado. Estamos esperando a rainha viajar. Pelo visto ela viaja muito.

— Com a Rainha da Neve? — pergunta a rena. — Ela é má. Seu cachorro já era. Espero que tenham se despedido.

Sinto como se meu coração parasse de bater.

— Nós vamos salvá-lo — digo.

— Eu não me aproximaria da Rainha da Neve nem se me pagassem — observa a rena.

— Nós *temos* de ir — responde Jonah. — É nosso cachorro.

Então percebo que as quatro pessoas-árvore estão circulando em volta de nós como tubarões. Bem, como tubarões vestidos de árvore.

— Acho que vocês não entenderam — diz a garota-árvore. — Não vão a lugar algum. Vocês são nossos prisioneiros.

Enfim a ficha cai. A menina. A família. As estátuas, os garfos e as outras velharias no trenó. Essas pessoas não salvaram nossas vidas porque são legais. O pouco calor que estava em meu corpo se esvai.

— Vocês são o bando de ladrões! — disparo.

As quatro mulheres nos lançam sorrisos perversos.

— São? — Jonah fica de queixo caído. — Vocês são? — Ele brinca de guitarra imaginária, o que não é nada engraçado diante da situação.

Ah! É por isso que usam essas fantasias de árvore! E têm as roupas de urso-polar e de pinguim. São disfarces! Para ajudar o bando a se camuflar. Deviam estar roubando algo antes de nos encontrarem no lago.

— Pegamos coisas mesmo — admite a mãe de um olho só. — E agora estamos pegando vocês. Você tem a mesma idade de nossa outra prisioneira.

Outra prisioneira? Ah. Deve ser Gerda! Como na história original!

A mãe aponta para o pulso de Jonah.

— E também queremos o relógio.

Meu irmão põe a mão sobre o punho.

— Mas nem está funcionando! Estragou com a água. Estão vendo? — Ele balança o braço na cara da mulher. — Está marcando 1h30. Não é esse o horário, é?

Ela dá de ombros.

— Suponho que não. Pode ficar com seu relógio quebrado então.

Jonah esconde a mão atrás das costas.

A expressão da mulher endurece.

— Agora subam no trenó. Caso contrário...

Outra mulher-árvore nos ameaça, mostrando o punho fechado.

Engulo em seco.

— O que vamos fazer? — sussurra Jonah para mim.

Na história original, a ladra mais jovem acaba deixando Gerda fugir. Aí ela volta para o castelo da Rainha da Neve e acha um jeito de salvar Kai.

A garota-árvore deve ser a ladra mais jovem da história. Então ela vai deixar Gerda fugir, o que significa que nós vamos fugir também. Hummm. Talvez ir com o bando de ladrões e encontrar Gerda não seja uma má ideia.

Talvez seja uma boa ideia, na verdade.

— Subam no trenó! — grunhe a mãe. — Segunda fileira!

De todo modo, parece que não temos muita escolha.

— Vamos — digo a Jonah.

Entro e vou até a segunda fileira das quatro. Meu irmão sobe, sentando a meu lado em seguida.

Os demais se acomodam nas outras fileiras.

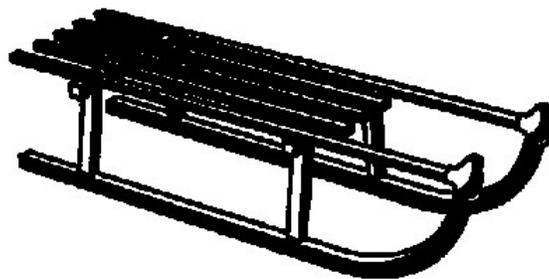
— Isso tem cinto de segurança? — pergunto.

Todos me ignoram.

Eu tento me acalmar. Tudo vai ficar bem. Pegaremos uma carona com Gerda até o castelo-iglu, aí podemos salvar Kai e Príncipe. E pronto. Assim não estragamos nadinha da história! Moleza. Vamos de vento em popa.

Ou, nesse caso, vento no trenó.

Capítulo sete



Bem-vindos ao porão

Mais ou menos meia hora depois, nós paramos.

— Desçam! — ordena a mãe.

Há um casarão logo à frente. Está caindo aos pedaços. Parece que foi abandonado anos antes. A tinta descascou, e tem neve lamacenta ao redor. Não é um castelo-iglu. Não é nem mesmo um iglu.

— Vocês moram aí? — pergunto à garota-árvore, quando todos descemos do trenó.

— Sim — rosna ela. — Algum problema?

— Não — digo rapidamente.

— Coloque os dois no porão com a menina — ordena a mãe para a garota-árvore. — E não se esqueça da rena — completa.

A rena também? Ele é um prisioneiro? Por quê?

Entramos na casa e passamos por uma mesa de jantar desmoronando, assim como cadeiras quebradas e candelabros com velas pela metade. No cantinho do cômodo, há pilhas de louças, estátuas, pinturas — como as coisas que vimos no trenó. Coisas que roubaram de outras pessoas, tenho certeza. Afinal são ladrões.

A garota-árvore nos leva até uma escada.

— Esta é sua nova casa — diz ela, me dando um leve empurrão escada abaixo. — Não saiam daí.

Eu e Jonah descemos, relutantes; a rena vem também, mais barulhenta, logo atrás.

— Lugar horrível, estúpido e miserável — murmura ele.

Olho para a rena surpresa. Ainda não estou totalmente acostumada a ouvi-lo falar.

O porão tem mais ou menos o tamanho do porão de nossa casa. Tem cheiro de porão também. Frio e úmido. Sem móveis. Só uma pilha de cobertores marrons no canto. A água que pinga do teto

congelou e forma estalactites ameaçadoras. Há também trechos com mofo verde congelado crescendo nas paredes.

Pelo menos esse porão é maior que o último lugar onde eu e Jonah ficamos presos, a torre da Rapunzel. Embora seja bem mais sujo. E escuro. A única luz vem de uma janela oval perto do teto alto.

Vemos uma garota bem magrinha no centro do cômodo. Ela está fazendo polichinelos e usa uma roupa de corrida laranja.

— Estou de volta — diz a rena. — Mais alguns prisioneiros foram capturados.

— Um pinguim e um urso-polar? — pergunta a menina entre um polichinelo e outro.

— São fantasias — explico, tirando a parte da cabeça. — Meu nome é Abby. Esse é meu irmão Jonah. Você é Gerda?

Por favor, que seja Gerda. Por favor, que seja Gerda.

— Sim. — Ela dá uma bufada.

— Viva! — exclamo. — É tão bom conhecer você!

Gerda é asiática e usa o cabelo preto e liso preso numa maria-chiquinha baixa. Seu rosto tem a forma de um coração e é mais bronzeado que o meu. Ela parece ter minha idade.

— Ah, claro — reclama a rena para mim. — Se apresente para o outro humano *imediatamente*. Não é como se eu não estivesse com vocês há horas. Por acaso se apresentaram para mim? Não, nada disso.

Fico corada.

— Desculpe. Não me toquei! É só que...

— Eu sou uma rena? — resmunga ele.

— Não, é que eu queria conhecê-la!

Essa explicação me parece melhor.

A rena bufa duas vezes e levanta o nariz escuro.

— Não ligue para ele — diz Gerda, ainda pulando. — Ele é um amor por baixo desse mau humor todo.

— Rudolph, a rena mal-humorada — canta Jonah, e dou uma risada.

— Você seria mal-humorado também — ofende-se ele — se os ladrões o forçassem a ajudar quando roubam pessoas, não seria?

— Com certeza — respondo.

— E meu nome *não* é Rudolph.

— Sei que seu nome não é Rudolph — diz Jonah. — É apenas uma música. Foi uma piada. Qual é seu nome?

Ele ajeita os ombros de rena antes de responder.

— Ralph — informa ele.

Meu irmão dá uma risadinha.

— Cheguei perto.

— Bem — digo. — É muito bom conhecer vocês dois, Gerda e Ralph.

— Que pena que os ladrões pegaram vocês também — lamenta Gerda, ainda pulando. — Eu não vou ficar aqui muito tempo. Vou fugir. Preciso encontrar Kai. É por isso que estou fazendo polichinelos. Para ficar em forma e manter minha energia elevada!

Bato palmas.

— Ah, Kai! Nós o vimos!

Ela para no meio de um pulo.

— Vocês o viram? Conhecem Kai? Ele está bem?

— Ele está em transe — confesso. — Está com a Rainha da Neve.

— Eu sabia! — diz Gerda, batendo o punho no ar. — Sabia que ele tinha sido enfeitiçado por ela.

— Foi mesmo — confirma Jonah. — Mas não está totalmente congelado. Está andando por aí, montando bonecos de neve. Parece estar só meio aéreo. Está meio congelado.

— Um zumbi congelado — digo. — Um zumbilado.

— Ha! — Jonah gargalha. — Boa. Não tão engraçado quanto “cãocolé”, mas engraçado.

— A Rainha da Neve congelou nosso cachorro — explico para Ralph e Gerda. — Ele está totalmente congelado. Sem conseguir mexer nada.

Ralph assente solenemente.

— É o que acontece quando a Rainha da Neve joga muitos beijos para você — comenta ele. — Você fica totalmente paralisado. Quando joga apenas um beijo, a paralisia é menor. É como se estivesse em transe. — Ele acena com a cabeça para Gerda e continua: — Como seu amigo Kai. Porém, com mais beijos, o corpo inteiro congela. Ainda mais beijos e você morre. Foi o que ouvi, pelo menos. Nunca a vi pessoalmente. — Um tremor atravessa o corpo do animal.

Engulo em seco. Pelo menos Príncipe estava vivo quando o vimos. Mais um beijo e ele pode não estar. Temos de voltar lá RÁPIDO.

— Sinto muito por ela ter congelado seu cachorro — diz Gerda. — Espero que não machuque Kai. — Ela olha ansiosa para a porta. — Sharon disse que deixaria Ralph e eu fugirmos *hoje à noite*. Eu contei minha história inteirinha a ela, e ela teve pena de mim. Vamos pedir que deixem vocês ir também! E salvaremos todos eles! Uhu!

— Perfeito — afirmo. Gosto da empolgação de Gerda. Ela é o que minha mãe chama de “gente que faz”. — Sharon é a garota-árvore? — pergunto.

— Quem? — questiona Gerda.

— A menina vestida de árvore. A ladra.

— Sim! Sharon é a ladra mais nova.

— Ótimo — digo. Isso vai funcionar perfeitamente. Seguro a mão de Jonah e olho seu relógio. Mostra que são duas horas em casa. — Sabe que horas são aqui?

— Seis — responde Gerda. — Sharon normalmente traz o jantar às oito. Espero que ela nos deixe ir embora a essa hora.

Eu concordo com a cabeça. Estávamos certos quanto à diferença no horário. Cada hora passada em casa são três horas aqui. Isso quer dizer que em casa ainda temos cinco horas e aqui quinze. Vamos ficar no limite, mas podemos conseguir. Não foi exatamente o que pensei que aconteceria quando resolvemos entrar rapidinho para recuperar Príncipe.

Sinto um mal-estar. E se meus pais acordarem antes de chegarmos em casa? Por um instante, fico preocupada porque acho que vou vomitar.

Respiro profundamente. Vai dar tudo certo. Posso fazer isso. Posso voltar ao palácio da Rainha da Neve, descongelar Príncipe e voltar para casa antes da hora de acordar. Eu consigo! Sou “gente que faz” também.

Gerda volta aos polichinelos.

— Vamos lá, gente, vamos nos exercitar um pouco! Quem tá comigo?

— Eu! — exclama Jonah, dando um pulo.

— Por que não? — pergunto, e me junto aos dois.

— Eu passo — diz Ralph de onde está deitado, com os cascos esparramados no chão.

— Um! — grita Gerda. — Dois! Três...

Começo a sentir o suor nas costas. Essa roupa de urso-polar é quente. Não foi feita para ser usada durante exercícios. E pinica também.

Eu paro de pular e vou até o canto para me sentar. Talvez eu possa deixar Gerda ser do tipo “gente que faz” enquanto sou do tipo *gente que descansa*.

Capítulo oito



Ops

Quando volta ao porão algumas horas mais tarde, carregando uma bandeja com comida e bebida, Sharon não está mais usando a fantasia de árvore. Está de legging preta e um comprido suéter cinza. Seu cabelo é louro, superliso e vai até a cintura.

— Quem está com fome? — pergunta ela.

Gerda pula do chão, onde esteve descansando depois do exercício. Jonah está a meu lado. Ralph cochila.

— Não estou com fome — anuncia Gerda. — Mas já estou prontinha para irmos! Ralph, acorde! Estamos indo!

Ele acorda com um bocejo e olha ao redor.

— Indo para onde? — pergunta Sharon, num tom zombeteiro.

Gerda mantém o queixo empinado.

— Você disse que eu poderia ir embora. Lembra? Teve pena de meu amigo Kai e disse que eu poderia ir buscá-lo hoje à noite.

— Ah, sim — diz a menina, girando preguiçosamente uma mecha de cabelo louro no dedo. — Eu disse isso, não foi?

Eu e Jonah trocamos um olhar preocupado.

Gerda põe as mãos na cintura.

— Sim. Você disse.

— Pois é! Mas isso foi antes.

— Antes do quê? — pergunta Gerda.

Sinto algo ruim no estômago de novo.

Sharon põe a bandeja de comida no chão e sorri.

— Antes de eu trazer amigos para você brincar!

— Mas eles também querem ir embora — retruca Gerda, olhando para mim e para Jonah.

Sharon ri, como se isso fosse a coisa mais engraçada que ela já ouviu na vida.

— Acha que posso deixar todos vocês fugirem? Ficou maluca? Não posso deixar todos irem embora!

— Por que não? — exijo saber.

— A mãe ficaria furiosa. Não posso desobedecê-la desse jeito. O bando nunca iria me perdoar.

Jonah brinca de guitarra imaginária. Lanço um olhar feio em sua direção.

— Desculpe — continua Sharon. — Mas, com vocês três, a mãe pode roubar diversos tipos de lugares novos. Tipo escolas! Ela está fazendo planos. E, de todo modo, Gerda, agora você tem amigos para passar o tempo aqui. Então não vai se sentir sozinha.

— Alô? — urra Ralph. — Por acaso sou invisível? Estou bem aqui! Não tinha ninguém sozinho!

— Não ligo de estar sozinha — diz Gerda. — Tenho uma missão. Preciso salvar Kai!

— Por que se importa tanto com esse tal de Kai? — pergunta Sharon. — Ele é seu namorado ou algo assim? Você o *aaaaaaama*? Vai se *caaaaasaaaaaar* com ele?

— Para sua informação, só tenho 12 anos — retruca Gerda, olhando com raiva para ela. — Não vou me casar tão cedo. Mas Kai é meu melhor amigo e, sim, eu o amo. E preciso encontrá-lo. — Uma lágrima lhe escorre pela bochecha.

Eu me levanto e passo um braço pelos ombros de Gerda.

— Eu e Jonah realmente precisamos ir também — explico a Sharon. — Temos de buscar nosso cachorro e voltar para casa.

— É! — exclama Jonah. — De acordo com meu relógio, são quase três da manhã em casa! Precisamos nos apressar.

Sharon olha feio para meu irmão.

— Achei que seu relógio estivesse quebrado.

Ele fica vermelho e esconde a mão do relógio atrás das costas.

— Ah, certo! Está mesmo. Deixe pra lá! Que relógio? Nem tenho um relógio.

— Você é um mentirosinho — retruca Sharon. — E vocês dois deviam estar gratos. Quase se afogaram. Nós salvamos vocês. E a mãe está oferecendo um lugar para morarem.

— Ela está fazendo você manter a gente trancado num porão — lembro. — E quer nos usar para roubar pessoas!

Sharon dá de ombros.

— Temos de sobreviver.

Gerda cobre o rosto com as mãos.

— Sua mãe é terrível.

— Tecnicamente ela não é minha mãe — admite a menina. — Apenas a chamo assim. Todas as garotas do bando chamam.

Jonah brinca de guitarra imaginária mais uma vez. Olho feio para ele de novo.

— O que aconteceu com seus pais? — pergunta Jonah para Sharon.

— Meus pais morreram quando eu tinha 4 anos — responde ela, com a voz falhando. — Foram atacados por lobos.

Engasgo.

— Que história horrível.

Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Se tivesse um hospital próximo, talvez meus pais pudessem ter sido salvos. Mas a República da Nevasca não tem muitos hospitais. É um problema.

— Então você ficou totalmente sozinha? — pergunto, sentindo muita pena de Sharon de repente.

Ela concorda com a cabeça.

— A mãe me achou vagando pela floresta. Ela me acolheu. Me deu comida e abrigo. E continua fazendo isso.

— Além de fazer você roubar coisas dos outros — completa Jonah.

— Eu não ligo — responde Sharon, dando de ombros. — Gosto de conhecer gente nova.

— Você não está conhecendo ninguém — ressalta Gerda. — Você está roubando e sequestrando essas pessoas.

A expressão de Sharon fica séria.

— Aproveitem o jantar. Fui.

— Espere! — grita Gerda, juntando as mãos e caindo de joelhos. — Por favor, por favor, por favor, me deixe ir. Você disse que deixaria.

A menina dá de ombros mais uma vez.

— Sei que falei. Mas não posso fazer isso agora que Abby e Jonah estão aqui. Me desculpe. — Ela sai pisando duro pelas escadas. — Até.

De repente, tenho uma ideia.

— Venha conosco! — sugiro.

Ela para, mas não olha para trás.

— Por que eu faria isso?

— Porque ladrões são pessoas terríveis! Que forcem você a roubar para eles. Você disse que sempre quis ver onde a Rainha da Neve mora. É sua chance.

— Mas onde eu iria morar? — pergunta Sharon, ainda sem se virar.

— Qualquer lugar é melhor que aqui — diz Gerda.

— Vocês são uns esnobes — diz Sharon. — Continuarei onde estou, muito obrigada. — Então ela sai, batendo a porta.

Ouvimos o clique do trinco.

Isso não é bom. Não é bom mesmo.

Eu deslizo pela parede.

— Sabe o que isso quer dizer, não sabe? — pergunto a meu irmão.

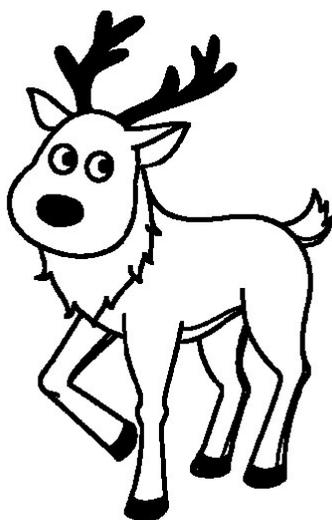
Jonah assente.

— O que quer dizer? — pergunta Gerda.

Dou um suspiro.

— Quer dizer que estragamos *outro* conto de fadas.

Capítulo nove



A grande fuga

— Me deixe entender isso — diz Ralph, trotando para a frente e para trás no pequeno espaço do porão, com seu sininho tocando de irritação a cada passo. — Eu finalmente ia ficar livre, mas agora estou preso aqui para sempre? Nesse porão abafado e escuro? Por causa de vocês dois? É isso mesmo?

— Parece que sim — confesso.

— Vocês dois são terríveis! — exclama a rena.

— Sentimos muito — peço. — Vamos pensar num jeito de fugir.

— E o que querem dizer com estragar *outro* conto de fadas? — pergunta ele. — Vocês estão de conluio com fadas? Fadas e bruxas são umas encrenqueiras, viu?!

— São mesmo — afirma Gerda, voltando a fazer polichinelos. — Uma bruxa me prendeu em sua casa por meses!

— Isso não tem nada a ver com bruxas. Ou com fadas — explico. Embora tecnicamente Maryrose, uma fada, tenha nos levado até ali. O que eu quis dizer foi: como interrompemos o conto de fadas, Gerda não vai conseguir fugir para salvar Kai como deveria. Estragamos a história e precisamos consertá-la. Mudando de assunto, eu me viro para Ralph: — Há quanto tempo está preso aqui?

— Anos — responde ele. — E estou cheio de carregar gente vestida de árvore e de animais

polares por aí, ajudando-as a roubar dos outros. É irritante!

Concordo com a cabeça.

— É mesmo. E sinto muito. Mas tenho um plano. Tenho mesmo! Nós vamos fugir!

— É! — exclama Gerda, e lança o punho no ar. — Como?

— Eu não sei — confesso. — Ainda não pensei nessa parte do plano.

— Precisamos de disfarces — explica Jonah, enquanto põe um dedo acima dos lábios. — Deveríamos usar bigodes!

— Por que bigodes? — Quero saber.

— São um ótimo disfarce — explica ele.

— Ah, claro, ponham disfarces humanos — reclama Ralph. — E simplesmente se esqueçam de mim.

Dou uma olhada em minha fantasia de urso-polar e depois na fantasia de Jonah, de pinguim.

— Não podemos nos disfarçar de humanos vestidos como animais. Mas não vamos precisar de disfarces. Ninguém vai nos ver! Vamos escapar de fininho no meio da noite!

— Isso! — comemora Gerda. — Mas como? Só tem uma porta aqui.

— E uma janela — completo, apontando para a forma oval de vidro. — A janela está trancada?

— É claro que está trancada! — grita Ralph. — Acha que ainda estaríamos aqui se não estivesse trancada? Não! Não estaríamos! Já teríamos ido embora!

— Tudo bem, tudo bem, não precisa ficar tão zangado — murmuro.

— Você realmente verificou a janela? — pergunta Gerda.

Pausa.

Todos olhamos juntos para a janela. Fica a uns 3 metros de altura.

— Não — responde Ralph, finalmente.

— Tem alguma escada aqui? — pergunta Jonah.

— Você está vendo uma escada? — reclama a rena. — Não, não tem escada! Não tem nenhum móvel aqui!

— E onde vocês dois dormem então? — pergunto.

— No chão frio sobre os cobertores que pinicam — responde Gerda, com um suspiro.

Eu analiso a situação.

— Talvez possamos escalar pelos ombros uns dos outros para alcançar a janela, e depois sair. Aí o último seria puxado com um dos cobertores.

— Alô! Alô! — grita Ralph. — Alguém está pensando em mim? Não, ninguém está pensando em mim. Vocês estão pensando apenas uns nos outros. Acham que eu seria capaz de segurar um cobertor com essas coisas? — Ele levanta os cascos. — Não. Não posso. Mas isso não importa mesmo, porque eu nunca passaria por aquela janela. Nunca! E vocês simplesmente vão me deixar aqui! Nunca mais verei minha manada! Nunca! Me deixem aqui! Vejam se eu me importo! — Ele cai no chão, apoia a cabeça nos cascos e chora.

Ops! Eu não tinha pensado nisso. Ralph é meio que enorme. E olhe aqueles chifres!

— Nós não vamos deixá-lo — murmura Gerda, acariciando as costas da rena. — Não é? Não vamos deixá-lo.

— Eu estava pensando em deixar, sim — admite Jonah. — Ele é meio chato.

— Nós vamos voltar para buscar você — digo a Ralph.

— Quando? — grita ele. — Nunca! É quando virão!

— Não será nunca. — Penso rápido. — Vamos passar pela janela, então um de nós vai entrar escondido na casa para destravar a porta do porão.

Ralph bufa.

— Claro que vão!

— Vamos sim. Eu vou voltar. Prometo.

— É arriscado — diz Jonah.

— Bem, não podemos deixá-lo — respondo, enquanto penso nas FRA. Diferentemente de Robin, *eu* nunca deixaria um amigo para trás. — Somos um time! — complemento enfaticamente. — Somos os FRA! Quero dizer, os AJRG! Hum... JARG! Jonah, Abby, Ralph e Gerda! E os JARG não deixam ninguém para trás.

— JARG? — repete Ralph. — Do que você está falando? Jonah, sua irmã sempre inventa palavras?

— Sim — confirma meu irmão.

— Somos os JARG e jamais abandonaríamos nosso amigo! — canto.

— É isso aí, JARG! — exclama Gerda. — Vamos, JARG, vamos!

— Quem voltar para buscar Ralph vai usar um bigode? — pergunta Jonah.

— E onde você conseguiria um bigode, hein, Jonah? — questiono.

— Da cauda do Ralph? — sugere ele.

— Opa, peraí! — diz a rena, indo para um canto. — Ninguém vai tirar nada de meu rabo, muito obrigado.

Jonah tenta alcançar a cauda do bicho.

— Mas daria um ótimo bigode.

Ralph se encosta na parede.

— Ninguém além de mim toca em meu rabo. Entendido?

— Por que precisamos de um bigode? — pergunta Gerda.

— *Não precisamos de bigode algum!* — grito. — Pare com essa ideia de bigode! Podemos nos concentrar na escada humana?

— Escada rena-humana — grunhe Ralph. — Ou já se esqueceram de mim de novo?

— A escada rena-humana — repete Gerda, fazendo carinho na cabeça da rena. — Ele é muito sensível — sussurra ela para mim.

— Nem percebi — sussurro de volta. — Tudo bem. Vamos lá. Do mais pesado para o mais leve.

Ralph embaixo. Depois eu, Gerda e Jonah. JARG!

— Vamos, JARG! — festeja Gerda.

Trocamos um sorriso. Gostei de Gerda. Bastante. Queria que ela estudasse comigo. Seríamos muito amigas. Talvez até melhores amigas.

Fico tensa. Não mais amigas que eu e Frankie, é claro. Eu nunca trocaria Frankie. Não sou esse tipo de garota. Não sou Robin.

Jonah olha para a bandeja com comida.

— Podemos comer antes de fugir? Estou faminto.

— Boa ideia — elogia Gerda. — Precisamos de energia. E precisamos esperar até que os ladrões estejam dormindo, de todo modo.

— Tem chocolate quente? — pergunto, me aproximando da bandeja.

— Hummmm — diz Jonah. — Aquilo estava gostoso. Com certeza tomaria mais.

Ralph ri sarcasticamente.

— Está brincando, né? Elas só dão chocolate quente quando estão tentando persuadi-lo a entrar no trem.

Olho na direção da comida sem graça no chão. São quatro copos com uma água cinza e com

flocos escuros boiando. Também tem quatro sanduíches fininhos. Não consigo identificar o que tem entre as fatias de pão velho, mas é meio azul. Eca.

— E catchup? — pergunta Jonah. Ele é obcecado por catchup.

Balanço a cabeça.

— Não tem catchup, Jonah. Não tem muita coisa.

— Da última vez que reclamei com a mãe — conta Gerda —, ela ameaçou me servir *rena* de jantar.

Eu quase engasgo. Ralph deixa escapar um suspiro.

Gerda assente.

— Parei então de reclamar. Devemos apenas comer o que tem aí. — Ela distribui os sanduíches e os copos.

Devagar e nervosamente, dou uma mordida no canto do pão. É... é... não é tão ruim. Acho que dentro tem um tipo de queijo. Queijo tipo Roquefort, talvez?

— Podia ter um pouco de catchup — comenta Jonah. — Mas está bom.

Seguimos mastigando.

— Vocês conhecem o código rorse? — pergunta Ralph de boca cheia.

— O que é isso? — pergunto, engolindo.

— É uma forma de soletrar uma palavra piscando quando não se pode falar — explica ele. — Pode ser útil durante a fuga. Eu o ensinei para Gerda, pois precisávamos nos ocupar aqui.

— Espere. Você quer dizer código *morse*? — pergunto. Há muito tempo, as pessoas usavam o código morse para mandar mensagens para outras.

— Rorse. Código rorse — esclarece Ralph. — Rorse com r. R de rena.

— Certo. Rorse — digo, rindo.

— Legal, adoro códigos! — exclama Jonah, abaixando seu sanduíche.

Então algo me ocorre.

— Ah! Por isso você estava piscando para mim no lago? Estava tentando me dizer alguma coisa?

— Hum, sim — afirma Ralph. — Estava dizendo C-O-R-R-A.

— Ops! — digo. — Não captei a mensagem

— Deixe-me ensinar o alfabeto a você — oferece ele. — A é uma piscada rápida, uma demorada e uma rápida. B é...

— Acho que não temos tempo para aprender o alfabeto inteiro — interrompe Gerda.

Eu concordo com a cabeça.

— Ela tem razão. Talvez possamos apenas inventar um código para usar se virmos Sharon. Ou algum dos ladrões. Um código para perigo.

Ralph suspira.

— Certo. Que tal duas piscadas demoradas e uma rápida? Quer dizer S. S de Sharon.

— Perfeito — digo.

Esperamos passar da meia noite para começar a fuga.

— Certo. Estamos prontos? — pergunta Gerda, levantando-se e colocando seu gorro laranja, que estava sob os cobertores.

Relutante, Ralph atravessa o cômodo para se posicionar embaixo da janela.

— Vamos logo com isso — diz ele.

Eu subo nas costas dele e, com muito cuidado, fico de pé. Posso sentir seu corpo peludo se contorcendo sob meus pés, então me apoio na parede para não cair.

— Gerda, sua vez.

— Estou pronta! — canta ela, enquanto sobe nas costas de Ralph e se põe de pé, erguendo os dois braços para se equilibrar.

— Cuidado! — murmura ele. — Tenho problema de coluna.

Jonah sobe em seguida. Nós nos seguramos na parede, mas eu tento não tocar no mofo verde.

Gerda se abaixa, e Jonah sobe em seus ombros. Então eu me abaixo, e Gerda sobe em *meus* ombros. O peso dos dois faz com que eu trema um pouco. Percebo que Gerda usa tênis roxos.

— Que tênis legais — comento ao me levantar bem devagar. — Queria estar de tênis e não de botas de urso polar.

— Eles são confortáveis, mas os que eu tinha antes eram meus favoritos. Eram vermelhos. Eu os perdi no rio.

Eu me lembro de algo relacionado ao sapato de Gerda na história original. Embora ela os amasse, ofereceu o par ao rio, caso o rio lhe devolvesse Kai. O que é bem incrível. Ela é tão dedicada ao amigo. Gerda é uma melhor amiga *de verdade*.

Não como alguém que eu conheço, cujo nome rima com *bobin*.

— Prontos? — pergunto. — Vamos lá!

Todos nós levantamos.

— Conseguimos! — digo.

— Vamos lá, GARJ! — comemora Jonah.

— JARG — corrige Gerda ao mesmo tempo que eu. Ela sorri para mim.

— Me esqueci do cobertor! — diz meu irmão, olhando para baixo.

Ops.

— É claro que esqueceu — murmura Ralph. — Vocês são mesmo péssimos na arte da fuga. Jamais voltarão para me buscar. Em vez de JARG deveria ser LIXO.

Eu me inclino de novo. Gerda se inclina. Jonah escorrega por ela, depois por Ralph e então pega o cobertor. Em seguida ele volta a subir em Gerda. E ela sobe em mim.

— Prontos? Vou me levantar de novo — aviso.

— Sim! — dizem todos.

Estico minhas pernas. Com cuidado. Devagar.

— Estou em pé!

— Minha vez — diz Gerda, conforme estica as pernas também. — Pronto.

Sinto Gerda tremer, mas seguro firme seu pé.

— Fique de pé, Jonah, de pé! — peço.

Ele se ergue.

— Consigo alcançar a janela! — informa ele.

— Uhu! — comemoramos.

— O que tem lá fora? — pergunto. O tênis de Gerda começa a raspar em meus ombros. Eu vacilo e me seguro na parede com firmeza.

— Não sei dizer — diz Jonah. — Está muito escuro. Mas acho que é só chão.

— Faz sentido, considerando que estamos no porão — comenta Gerda.

— O que está esperando? — pergunta Ralph. — O relógio está batendo. Abra a janela!

Jonah tosse.

— Hum...

— O que foi?

— Não está abrindo — explica ele. — Acho que *está* realmente trancada.

— Bem, então a destranque! — ordena Ralph.

— Não vejo uma tranca. Talvez esteja só emperrada.

— Quebre o vidro — sugere Gerda.

— Com o quê? — pergunta Jonah.

— Com o cotovelo! Acerte a janela com força para abrir! Um machucadinho nunca matou ninguém! — Ralph bate o casco, impaciente.

— Não! — peço. — Vai cortar seu cotovelo! Jonah, não quebre a janela com o cotovelo! Eu não concordo com essa ideia! Não mesmo! Está me ouvindo, Jonah?

— Estou ouvindo, Abby. Mas o que quer que eu faça?

— Tem algum mastro ou algo que possamos usar?

— Por que teríamos um mastro?

— Eu não sei! Qualquer coisa!

— Tem os copos do jantar — lembra Gerda. — Podemos usar o copo para quebrar a janela.

— Mas daí todo o vidro vai cair em cima da gente — digo. — Ficaremos cobertos de cacos.

— Minha pele é sensível! — grita Ralph. — Não podem me cobrir de vidro! Vou sangrar!

— Acho que, se eu bater o copo no ângulo certo, o vidro vai quebrar para fora — comenta meu irmão. — Vamos ter de tomar cuidado ao sairmos, mas, fora isso, vai ser tranquilo. Vou descer para pegar o copo.

Ele se agacha de novo. Depois Gerda. Então eu.

— Não estou segura quanto a esse plano — digo, nervosa.

— É o único plano que temos — afirma Jonah.

Ele pega o copo e sobe de novo. Depois Gerda sobe em mim, tudo como antes.

— Prontos? — pergunta ela.

Não estou satisfeita com esse plano. Está gritando *desastre*.

— Vamos todos fechar os olhos por garantia! — peço, enquanto me preparo para o vidro que vai cair. Não consigo evitar pensar no espelho quebrado da história original da Branca de Neve. Mas não é a mesma coisa, né?

Jonah começa a contar.

— Um! Dois! Tr... Ah! Vejam!

— O quê? — perguntamos todos ao mesmo tempo.

— Talvez essa seja a tranca? — Então ouço um clique. — Isso! Pensei que fosse um enfeite! Esperem. — Jonah abre a janela, e uma lufada de ar frio e fresco entra no cômodo.

— Ah — diz Ralph. — Que delícia.

— Vou passar — diz meu irmão.

— Cuidado! — peço de novo.

Ele se espreme pela janela.

— Me passem o cobertor! — pede Jonah.

Eu me agacho com muito cuidado, pego o cobertor das costas de Ralph e levanto. Então Jonah pega o cobertor e o segura para Gerda, que sobe e atravessa a janela.

— Sou a próxima — digo.

— Ah, jura? — murmura Ralph. Depois me olha com olhos bem grandes e sinto um aperto no peito. — Não vai se esquecer de mim?

— Não vou! Eu juro! JARG para sempre! — O cobertor desce, e eu o agarro. — Vamos voltar para buscar você em cinco minutos.

Gerda e Jonah me puxam em direção à escuridão.

Capítulo dez



De volta de novo

Ao sair pela janela, sinto uma lufada de vento gelado agradável nas bochechas.

— Conseguimos! — sussurro, ficando de pé.

Com a lua cheia e as estrelas, está mais claro do lado de fora que no porão. A neve em frente ao quintal reluz. Sinto meu cabelo frio e percebo que esqueci minha cabeça de urso-polar lá embaixo. Tudo bem. Pego quando voltar para resgatar Ralph.

— E agora, como faço para entrar lá de novo? — pergunto a Gerda.

— Vai voltar mesmo? — questiona Jonah.

— É claro que vou — respondo. — Prometi a Ralph que voltaria!

Gerda observa a casa, nervosa.

— Talvez devêssemos voltar todos juntos.

— Vamos fazer muito barulho — digo. — É melhor eu voltar sozinha. Vou lá, e vocês ficam aqui escondidos. Volto num instante.

— Deixa que eu vou — fala Gerda.

— Ou eu — sugere Jonah.

— Não — digo. — Fui eu quem prometeu a ele. E sou muito boa em entrar escondida em porões. Tenho bastante experiência.

— Eu também — lembra meu irmão.

— Você faz muito mais barulho que eu — respondo. Ele está sempre esbarrando nas coisas, e não

é muito bom em falar para dentro. — Eu vou, e vocês se escondem aqui. — Respiro fundo e completo: — Se eu não voltar em vinte minutos, sigam para o castelo-iglu, resgatem Kai e Príncipe, então voltem para me salvar.

Jonah cruza os braços.

— De jeito nenhum. Não vou deixar você!

— Vamos ficar — diz Gerda, com firmeza. — JARG!

Eu balanço a cabeça.

— Nem tudo pode ser JARG. Temos de ser estratégicos. — Tento soar corajosa, embora não queira me separar de Jonah. Preciso protegê-lo, afinal de contas. Apesar de confiar em Gerda, a ideia de deixar meu irmãozinho me deixa nervosa.

Gerda e Jonah balançam a cabeça. Dou um suspiro, mas por dentro estou feliz.

— Certo. Esperem por mim então. Se eu não voltar em vinte minutos, um de vocês vai atrás de mim. Aí iremos todos juntos. Combinado?

Gerda assente. Jonah confere o relógio do Homem-Aranha para ver que horas são.

Dou um abraço rápido e apertado em Jonah por via das dúvidas. Ele leva alguns segundos a mais para me soltar.

— Volto já! — digo, num tom mais alegre que o normal.

Gerda e Jonah acenam.

— Vamos, JARG, vamos! — sussurra-grita Gerda.

Sigo de volta para a casa. E agora? Não posso voltar pela janela, é claro, porque ficaria presa lá dentro de novo.

Simplesmente devo entrar pela porta da frente?

Posso pelo menos tentar, não é?

Corro em silêncio até a porta. Giro a maçaneta.

Ela não abre.

Quem diria? Ladrões também trancam a porta de casa.

Eu não sei quebrar uma fechadura. Afinal sou só uma garota de 10 anos. Não sou uma ladra nem mestre em fugas.

Acho que tenho duas opções: encontrar outra janela para entrar ou procurar outra porta.

Uma porta dos fundos? Sim, uma porta dos fundos! Temos uma porta assim em nossa casa e sempre nos esquecemos de trancá-la.

Vou devagar, margeando a casa. Dessa vez, ando na ponta dos pés. Não que eu faça muito barulho com as botas de urso polar. Pelo menos a lua está brilhando e consigo enxergar para onde estou indo.

E também consigo ver que há mesmo uma porta dos fundos. Eba!

O problema é que a mãe está sentada na varanda dos fundos numa cadeira de balanço, bebendo algo em uma grande caneca lascada. Chocolate quente, provavelmente. É claro que ELA pode beber quanto chocolate quente *quiser*. Posso apostar que tem até marshmallows. Por que ainda está acordada?

Eu me escondo atrás de uma árvore.

Acho que simplesmente preciso esperar. A mãe não vai dormir aqui fora. Em algum momento, vai terminar a bebida e entrar. E, quando fizer isso, será minha deixa para ir também.

Sim, esse é o plano. Ela provavelmente vai beber tudo de uma vez e entrar em um ou dois minutos.

Ela dá outro golinho. Bem devagar.

Mais um.

A mãe é a pessoa mais lerda da vida para terminar uma bebida.

Depois de aparentemente dez minutos, ela finalmente dá o último gole. Depois se levanta e estica os braços sobre a cabeça. Seu olho bom parece olhar para onde estou, mas então ela se vira e desaparece dentro da casa.

Ufa.

Espero mais dois minutos só para garantir, aí me esgueiro até a porta dos fundos. Será que ela a trancou? Essa é a pergunta de um milhão de dólares.

Giro, giro, giro a maçaneta e prendo a respiração.

Ela gira. A porta se abre!

Oba!

Uau, realmente preciso lembrar minha mãe e meu pai de trancar a porta dos fundos, hein? Um maluco pode acabar invadindo nossa casa.

Abro a porta devagar. Está tudo escuro lá dentro. Como vou saber onde fica o porão?

Ouçó uma voz baixa e congelo.

— Eles nunca vão voltar. Vou ficar preso aqui para sempre. Totalmente sozinho. Nunca mais verei minha manada novamente.

Ah! É Ralph, reclamando com ele mesmo. É só seguir o som da voz e *voilà*, porão!

Ando na ponta dos pés até estar em frente à porta do porão.

— JARG — diz Ralph do interior. — Até parece. JAG se mandou e deixou o R para trás para apodrecer.

Tudo que preciso fazer é destrancar a porta e descer a escada. Abby ao resgate!

A porta tem uma dessas trancas que estala quando a maçaneta gira. Começo a girar e ela se move com facilidade. Será que não ouvi o estalo? Abro a porta.

— Olá? — sussurro. Vejo Ralph descansando no centro do cômodo. Corro pelas escadas em sua direção. — Está pronto?

Ele me encara. Então dá duas piscadelas longas e uma curta.

Meu estômago congela. O código para *Sharon*. Para perigo.

— Ora, ora, veja só quem voltou afinal — diz a voz de uma menina.

Eu me viro. E, claro, dou de cara com Sharon, parada no canto do porão, os olhos cravados em mim.

Capítulo onze



Pegos

Dou um pulo.

Sharon se posiciona entre mim e a escada, bloqueando a passagem.

— Imagine minha surpresa ao descer e descobrir que três de vocês tinham sumido! — rosna ela.

Uma coisa prateada brilha em sua mão. Seria um anel? Um bracelete?

Não.

É uma faca. Sharon está segurando uma faca.

Ai, meu Deus! Sharon tem uma faca! É uma faca de passar manteiga, mas ainda assim. É assustador! Que tipo de criança anda por aí com uma faca? Uma criança terrível, claro.

Dou um passo para trás e coloco o braço sobre o meio do corpo de Ralph.

Os olhos da rena estão cheios de lágrimas.

— Você voltou! Voltou mesmo!

— É claro que voltei — respondo. — JARG!

Ralph suspira.

— Mas pelo visto agora não vamos a lugar algum.

— Por que não? — pergunta Sharon.

— Hum, porque você nos pegou? — lembra Ralph. — E porque está segurando uma faca?

Ela olha para a faca, surpresa.

— Isso? Não, eu ia apenas preparar um bagel com cream cheese pra mim. Gosto de fazer um lanchinho no meio da noite. Não consigo dormir. Está quente demais em meu quarto.

Sinto meu peito se encher de esperança.

— Então não vai tentar nos impedir?

Ela estala os nós dos dedos.

— Não. Eu vou é me juntar a vocês! Estava descendo para dizer exatamente isso. Pensei no que você disse, e tem razão. Esse lugar é horrível. Quero ir embora. Qualquer lugar precisa ser melhor que este.

— Sério? — pergunto.

— Sim! — afirma ela. — Vamos lá! Preparei uma bolsa pra gente!

Reparo que há uma bolsa de viagem preta a seus pés.

— Depois de você — digo. Mas, em seguida, eu me adianto e chego antes dela na escada. — Na verdade, deixe que eu vou na frente. — *Só por garantia.*

— Jonah? Gerda? — sussurro ao chegarmos do lado de fora.

Eu não os vejo.

— Gerda? Jonah? — chamo um pouco mais alto.

Ralph inspira longamente e estica as patas da frente.

— É tão bom sair daquele porão! As renas precisam exercitar o corpo e a mente, sabe. Temos um QI bastante elevado. Maior que o dos humanos. Sabia que somos gênios?

Sigo mais adiante. *Onde eles estão?* Meu coração começa a acelerar. Será que a mãe os pegou? Eu me viro em direção à casa novamente. Está escuro. Se alguém os tivesse encontrado, haveria gritaria.

A não ser que Sharon esteja me enganando esse tempo todo? E se isso for uma armadilha?

— Alguma chance de terem ido para o castelo de gelo sem vocês? — pergunta ela.

Hummm.

— Disse a eles que deveriam seguir em frente se eu não voltasse logo...

— Então é isso — diz Ralph. — Provavelmente foi o que fizeram. Podemos encontrá-los no meio do caminho.

— Você não acha que eles podem ter voltado para a casa, acha? — pergunto, preocupada.

— Não — diz Sharon. — O único outro caminho é pela porta dos fundos, e foi por onde saímos. Teríamos visto os dois.

— Bem lembrado. — Espero que ela esteja certa. E realmente espero que Gerda e Jonah estejam logo à frente na estrada. — Ah — completo, levando as mãos até minhas orelhas congeladas. — Deixei a máscara de urso-polar no porão *de novo.*

— Fique com isso, Abby — oferece Sharon, conforme tira protetores de ouvido da sacola e os entrega para mim. — Ah, e com isso aqui também. — Então ela me dá um par de botas de camurça marrom.

— Obrigada! — digo. — O que mais tem aí dentro? Mais roupas quentes?

— Sim. E um pouco de comida. Cenouras, maçãs e pão. E disfarces.

— Sério?

— É claro! Se aprendi algo durante meu tempo com o bando de ladrões...

Espero Jonah brincar com sua guitarra imaginária, e sinto um nó na garganta quando lembro que ele não está ali.

— ... foi que é sempre útil levar disfarces. Podem ser necessários. Tinta para o rosto. Óculos escuros. Bigodes falsos.

— Sério? Bigodes falsos?

O nó fica ainda maior. Jonah iria gritar de tão animado.

— É claro. Os melhores disfarces sempre têm bigodes.

Enfio meus pés de urso polar nas botas. Estão imensas em mim. Mas a cavalo dado não se olha os

dentes. Em seguida ponho os protetores de ouvido, que são gostosos e quentinhos.

— Acho que podemos ir voando — comenta Ralph.

— Voando? — pergunto ao mesmo tempo que Sharon.

— Sim, voando — responde a rena. — Nunca comentei que posso voar? A maior parte das renas pode.

— Se você pode voar, porque não voou conosco em vez de puxar o trenó? — questiona Sharon.

— Acha mesmo que eu ia contar para as moçoilas ladras que consigo voar? Tenho problema de coluna! Não podia levar todas vocês comigo, e não posso voar com aquele trenó. É muito pesado. Por falar nisso, uma massagem cairia muito bem. Não que alguém já tenha me oferecido uma.

— Tadinho do Ralph — digo, e faço um carinho em suas costas. — Mas por que tivemos de subir em suas costas no porão? Por que não voou até a janela simplesmente? Não teria sido melhor para suas costas?

Ele sacode a cabeça.

— Renas não podem voar em ambientes fechados. Vocês não sabem de nada mesmo.

— Quer dizer então que vai nos levar voando até o castelo de gelo? — pergunta Sharon.

— Levo vocês voando, sim — confirma ele. — Mas têm mesmo certeza de que querem ir até lá? E se a Rainha da Neve soprar seus beijos em vocês?

— Bem, se tivermos sorte, ela não estará lá — respondo, sem acrescentar que *ela não está lá no conto de fadas original quando Gerda volta para buscar Kai*. Isso demandaria muitas explicações. — E você não precisa entrar. Pode apenas nos deixar lá.

— Tudo bem — diz ele. — E depois vou para o norte encontrar minha manada! Não os vejo faz anos. Quando eu tinha 18 anos, fui embora para explorar o mundo. Não percebi como sentia falta deles até ficar preso com o bando de ladrões. — Ele se vira para Sharon. — E você? Aonde precisa ir?

— Não preciso ir a lugar algum — responde ela, com uma leve expressão de tristeza. — Mas quero muito ver o castelo.

Ralph se abaixa.

— Então vamos lá. Não sejam tímidas. Não vou rejuvenescer mesmo.

— Oba! — Sharon pula nas costas do animal e segura seus chifres.

— Não toque nos chifres — dispara a rena.

— Mas como vou guiar você?

— Você não vai — reclama ele. — Não sou um trenó. Sou uma rena que vive e respira. Eu mesmo posso guiar. Vamos lá, Abby, suba. Vá na frente.

Sinceramente, não sei se é uma boa ideia. Não temos cintos de segurança. E estou sem capacete. Talvez devêssemos simplesmente ir andando.

Não. O tempo está correndo. Preciso encontrar meu irmão. E Príncipe. E temos de ir para casa. Logo. Se meus pais levantarem e virem que não estamos em casa, vão ficar tão zangados. *Além disso*, vão nos deixar de castigo pelo restante de nossas vidas.

— Certo — digo, então subo e fico na frente de Sharon para que possa procurar por Gerda e meu irmão com mais facilidade.

Primeiro, Ralph começa a trotar. Em seguida, ganha mais e mais velocidade, indo mais e mais rápido, com o sininho em seu pescoço batendo mais e mais alto. Daí me inclino para trás e...

Estamos voando! Estamos voando!

Ai, meu Deus, estamos voando!

Passo os braços em seu pescoço por segurança. *Por favor, não caia. Por favor, não caia.*

— Preciso respirar, sabia — avisa Ralph.

— Desculpe! — grito, mas não afrouxo a pegada.

Ele se move para cima e para baixo. O vento frio corre por minhas bochechas, como se fosse um ar-condicionado ligado na máxima potência.

Estou me sentindo um pouco mareada. Ou seria reneada?

— Essa vista é incrível! — grita Sharon. — Ralph, você é incrível. Não acredito que vivi tanto tempo com você e nunca soube o quanto era incrível!

Sinto Ralph se inflar de orgulho embaixo de mim. É fofo, mas quase faz com que eu o solte sem querer.

A vista é *mesmo* incrível. Estamos acima das árvores e montanhas nevadas. O sol está começando a nascer, e a neve abaixo de nós está coberta por tons de laranja e de vermelho.

— Mas não acabou de escurecer? — pergunto.

— O sol se põe às onze da noite e nasce às três da manhã no verão — explica Ralph.

— Estamos no verão? — indago, incrédula.

— É claro — afirma ele. — Espere até ver como fica frio no inverno.

De jeito algum eu ficaria na República da Nevasca no inverno. Muito obrigada, mas não, mesmo.

Não acredito que estava desejando neve em Smithville.

Vrumm!

Uma das botas sai voando. Eu sabia que estava muito grande. Ops.

— Desculpe por não ter conversado mais com você, Ralph — diz Sharon. — A mãe me disse que eu não podia, mas não deveria ter lhe dado ouvidos. Eu me sentia tão sozinha. E odiava roubar as pessoas. Por que precisávamos de tantas estátuas, aliás?

Enquanto Sharon se sente culpada pela forma como tratou Ralph, eu me sinto culpada por ter deixado Jonah sozinho. Sou a irmã mais velha! É minha responsabilidade cuidar dele e protegê-lo. Onde está ele? E onde está Gerda?

— Eu não os vejo em lugar algum — comento, conferindo o chão logo abaixo de nós. O quão longe podem ter ido? Já deveríamos ter encontrado os dois.

— Espero que não tenham congelado — diz Sharon. — Nem que tenham sido devorados por lobos.

— Ai, meu Deus, os lobos! — grito. — Eu me esqueci dos lobos!

— Ah, não se preocupe com os lobos — diz Ralph. — Eles passam o verão no reino do Subzero. Acham os verões de Nevasca muito quentes.

Mais um motivo para eu não querer estar aqui no inverno.

— Darei mais uma volta para procurar por Gerda e Jonah — informa ele. Circulamos a área uma vez e mais outra.

— Talvez já estejam no castelo-iglu — digo, embora não consiga imaginar como teriam chegado lá tão rápido, ainda que os dois estejam super em forma por causa das escaladas e dos polichinelos.

— Vou sobrevoar o castelo — avisa Ralph.

O iglu gigante e reluzente fica maior conforme nos aproximamos.

Estico o pescoço para ver se consigo avistar meu irmão. Alguma coisa está se mexendo no telhado! Será que são eles? É um pinguim? Não! Calma! É Jonah! Com sua roupa de pinguim! E Gerda e sua roupa de corrida laranja com gorro combinando. É difícil não enxergá-la.

— Vejam! — indico, o corpo relaxando aliviado. — Eles estão no telhado! Conseguiram! — Suspiro. Meu irmão está aqui! E nunca, nunca mais vou deixar que ele saia de perto de mim.

— Uhu! — comemora Sharon.

— Jonah! — grito para baixo. — Gerda!

Gerda levanta um dos braços e acena.

Eba! Ela parece perfeitamente normal! O que significa que a Rainha da Neve não está *mesmo* no castelo e não soprou nenhum de seus beijos para Gerda.

Príncipe também está no telhado. Sinto outra onda de alívio. Ele está exatamente na mesma posição que estava antes, congelado no meio de um movimento. Provavelmente os dois ainda não tiveram tempo de descongelá-lo.

Kai está no telhado também, deitado de costas. Parece estar fazendo outro anjo na neve. Pelo visto ainda não conseguiram curá-lo também.

Tudo bem. Cheguei para ajudar. Teremos de descobrir como descongelar todo mundo, mas pelo menos Kai e Príncipe continuam vivos.

— Então, onde querem que eu deixe vocês? — pergunta Ralph. — Não tenho certeza se há espaço suficiente para mim no telhado. E sou bastante pesado. Não quero quebrar nada.

Kai realmente se manteve ocupado. Há outros três bonecos de neve, além dos que já estavam lá ontem.

— Talvez na porta da frente? — sugiro. Posso ver a escada dentro da casa que leva até o telhado.

— Sem problemas — berra Ralph. — Nem consigo acreditar que vou voltar para casa. Vou mesmo para casa! Obrigado, Abby, por ter voltado para me buscar!

— Fico feliz em ajudar — digo, sentindo um quentinho no peito.

— Mal posso esperar para ver minha manada — comenta ele.

— Você tem sorte por ter uma família — diz Sharon, melancólica.

De um jeito não muito sutil, Ralph aterrissa num banco de neve.

— Boa sorte, meninas.

— Para você também — desejo, e envolvo meus braços em seu corpo para lhe dar um abraço.

— Adeus — despede-se Sharon. — Me desculpe por, você sabe, tê-lo mantido prisioneiro por tantos anos.

Ralph faz uma careta.

— Sei que não foi uma decisão sua.

— Ainda assim — insiste ela, abaixando a cabeça. — Eu devia ter ajudado você a fugir há muito tempo.

— Sim — concorda Ralph. — Devia mesmo. Adeus, meninas! Adeus, Jonah! Adeus, doce Gerda!

— Ele acena para todos nós com uma das patas. Então, com um salto, sai voando da montanha. Eu o vejo atravessar o céu, e, depois, me viro na direção de meu irmão.

— Jonah! — grito.

Ele não olha para baixo. Obviamente não me ouviu chamar.

— Jonah! — falo de novo.

Ele ainda não olha para baixo. Parece estar muito ocupado, enrolando alguma coisa. Por acaso está fazendo uma bola de neve?

Gerda o está ajudando. Ela está juntando a neve do chão numa bola bem grande.

Será que estão fazendo um boneco de neve?

O olhar dela está totalmente vidrado. O dele também.

— Por que estão construindo bonecos de neve quando deveriam estar descongelando Kai e Príncipe? — pergunta Sharon. — Será que a Rainha da Neve lhes jogou um feitiço também?

O pavor atravessa meu corpo. Não é possível. Meu irmão e Gerda não podem ter sido enfeitiçados pela Rainha da Neve. Ela não deveria estar no castelo.

— Mas Gerda acenou para mim — comento. — Zumbilados não acenam!

— Acenou? — pergunta Sharon. — Achei que ela só estivesse tirando o gorro. Veja! Ela o colocou em um dos bonecos de neve.

Realmente, um dos bonecos de neve está mesmo usando o gorro laranja de Gerda.

Ah não! Ah não! Ah não.

— Precisamos salvar Jonah! — grito.

— Shhhhh — pede Sharon. — Se ele estiver enfeitado, isso significa que a Rainha da Neve acabou de passar por aqui. Ela pode estar no castelo neste instante.

Concordo com a cabeça.

— Mas ela não está no telhado. Talvez tenha ido dormir, ou está dando uma corrida, ou algo assim. Vai saber? Temos de ir discretamente até o telhado, pegar todo mundo e partir.

— Sim — afirma Sharon. — E sabe o que isso quer dizer. — Ela abre a sacola de viagem. — Precisamos de disfarces.

Aponto para minha fantasia.

— Urso polar não é o bastante?

Ela revira os olhos.

— Ela vai *notar* um urso-polar. Você precisa se misturar ao ambiente, e não se vestir de algo que pode atacá-la.

— Bem pensado. O que você tem aí?

Ela revira a bolsa e puxa um bigode falso.

— Bigodes. Fita adesiva.

— Claro.

— Óculos de sol. Echarpes.

— Hummm. Mas não podemos nos vestir de humanos. Ela congela humanos.

— Eu não estava pensando que nos vestiríamos de humanos. Nós já somos humanas.

Não entendo onde ela quer chegar.

— Então vamos nos vestir de quê?

Sharon joga as mãos para cima.

— Não é óbvio?

— Não! E não temos tempo para joguinhos de adivinhação! Meu irmão está num transe, e meu cachorro é um cãocolé! Não sou mestre em disfarces como você! SIMPLEMENTE ME DIGA!

— Não precisa ficar zangada — avisa ela. — Vamos nos vestir de boneco de neve!

Ah! Eu olho para os bonecos de neve no telhado. Não é uma ideia ruim.

— Mas como vamos ficar brancas? Nos cobrimos de neve?

— É claro que não! Não queremos queimaduras de frio.

— Então você trouxe máscaras de boneco de neve? — Eu não ficaria surpresa se ela tivesse trazido.

— Nããããã — responde ela, revirando a bolsa de novo. — Mas tenho tinta branca para pintar o rosto.

Nós duas nos escondemos atrás de um pinheiro e cobrimos o rosto com tinta branca. Minha roupa de urso polar já é branca, então estou praticamente pronta. Sharon também trouxe um lençol branco — “caso precisasse ser um fantasma”, explicou ela — , no qual se enrola.

— O que vamos fazer com nosso nariz? — pergunta ela. — Se parecem com narizes humanos.

— Hummm — murmuro. — Ah! Já sei! Você não trouxe cenouras? Para comermos?

— Trouxe! — exclama ela, enquanto alcança a bolsa e tira um saco de cenouras. — Perfeito.

Vamos usar nossa comida como nariz.

— Como vamos grudar a cenoura no rosto? Não sei se a fita vai conseguir segurá-la.

Sharon enfia a cenoura no nariz.

— Assim?

— Eca! — grito, mas não consigo não rir.

Ela funga e a cenoura cai.

— Talvez não.

— Espero que não coma isso agora — comento.

Ela olha para a cenoura com desejo.

— Na verdade, estou com bastante fome. Acabei não comendo meu bagel com cream cheese.

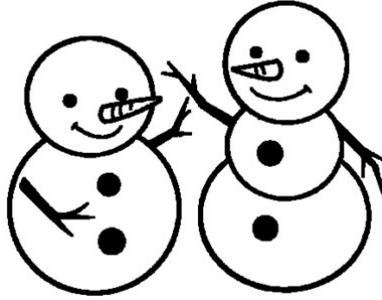
— E se simplesmente pusermos a cenoura na boca? — sugiro. — Não essa nojenta, mas as outras.

São tantos bonecos de neve que a Rainha da Neve não vai observar a gente tão de perto assim. Vou até colar um bigode no queixo!

— Perfeito.

Pegamos alguns galhos para usar como braços falsos e, finalmente, estamos prontas. Saímos detrás do pinheiro e marchamos até o castelo-iglu.

Capítulo doze



Meninas de neve

— É lindo — sussurra Sharon, quando atravessamos o arco da entrada. — É o lugar mais lindo que já vi.

Uma vez lá dentro, é mesmo bem bonito. Para quem gosta de branco. Porque tem muito branco em toda parte. Eu não iria querer beber algo que pudesse manchar aqui dentro. Tipo suco de uva ou de cranberry. Apesar de que, se é tudo feito de gelo, não deve ser difícil de limpar. Basta esfregar.

O andar principal parece gigantesco. Há muitos corredores de gelo que se estendem ao longe. De um lado, vejo uma sala de jantar com uma mesa e cadeiras de gelo. Do outro lado, um sofá de gelo. Que não parece muito confortável.

O chão é duro, e sinto como se estivesse pisando em neve compactada. É um pouco escorregadio, no entanto. O fato de eu estar usando uma bota só não ajuda.

Há colunas de gelo por todo lado. Tem até uma lareira de gelo. Em cima desta, parece haver um espelho quebrado. Na verdade, é um espelho que foi quebrado e depois teve seus pedaços colados, como um mosaico. É duas vezes maior que eu. Me pergunto se isso tem alguma coisa a ver com o assustador troll do espelho da história original?

— Eu dormiria muito bem aqui — comenta Sharon. — É tão frio.

— Eu não dormiria nada bem — admito. Não existem meias peludas suficientes no mundo capazes de deixar meus pés quentinhos.

— Estou imaginando como a Rainha da Neve deve ser — diz Sharon.

— Realmente espero que você não a conheça neste momento — digo.

Devagar, seguimos mais alguns metros casa adentro. Logo em frente, há uma escada de neve que deve levar ao telhado.

— Então, qual é o plano para descongelá-los? — pergunta Sharon.

— Eu li, hum, em algum lugar que chorar resolve. As lágrimas derretem o gelo.

— A gente chorar... ou eles?

— Os dois. — Na história original, Gerda aparece, abraça Kai e começa a chorar. As lágrimas caem nele e derretem o bloco de gelo que havia no coração. Então ele começa a chorar, e derrete o restante.

— Você tem alguma cebola em sua bolsa? — pergunto.

— Eca. Quem come cebola pura? É nojento.

— Não é tão ruim assim — comento, lembrando que tive de comer minha última viagem aos contos de fadas.

Sharon patina um pouco pelo gelo e depois consegue se equilibrar.

— Posso beliscar você para que chore.

Talvez seja nossa última opção.

Em silêncio e com cuidado, muito cuidado, começamos a subir a escada congelada. No topo, notamos que há um alçapão aberto e saímos no telhado.

Gerda, Jonah e Kai estão construindo bonecos de neve ao lado de Príncipe, que continua congelado.

— Jonah! — chamo, num sussurro.

Ele olha para cima ao ouvir seu nome, me observa por um segundo e depois vira o rosto.

— Ele não a reconhece — comenta Sharon.

— Eu *estou* vestida de boneco de neve — digo, me aproximando dele mais um passo. — Jonah! Jonah, sou eu! Abby!

A verdade é que, embora eu soubesse que ele estava em transe, não achava que ele não me reconheceria. Como isso é possível?

Jonah olha de novo para mim. Nossos olhares fazem contato. Em vez da pupila preta e normal no centro dos olhos que conheço tão bem, elas estão totalmente brancas. Ele é um zumbilado.

Já não parece uma palavra tão engraçada.

Ele está me olhando, como se sequer me conhecesse. Eu! Sua irmã mais velha!

— Você parece bem triste — diz Sharon. — Vai começar a chorar? Precisa chorar! Pode derretê-lo se chorar!

Definitivamente sinto meus olhos pinicarem, mas é difícil me fazer chorar.

— Vamos lá! — grita Sharon. — Chore. Chore!

— Não consigo!

Ela me dá um beliscão no braço.

— Ai!

— Funcionou?

— Não! Vamos só tirá-los daqui e depois nos preocupamos com o descongelamento. Nem sabemos onde a Rainha da Neve está.

— Certo. Vamos lá. Sigam-me — diz Sharon.

Gerda, Kai e Jonah a encaram. Encaram mas não a seguem. Continuam construindo seus bonecos de neve.

— Eles não estão vindo — reclama ela.

— Estou vendo! Talvez a gente deva guiar os três para fora daqui?

Vou até lá e pego meu irmão pela mão. Está gelada.

— Oi, fofinho — digo. — Temos de ir agora.

Ele pisca seus olhos de zumbilado.

— Catchup — diz Jonah.

— Catchup? — repito.

— Catchup — repete ele.

— Você quer catchup?

— Catchup. Cheetos.

— Te dou catchup e cheetos assim que chegarmos em casa, tudo bem? Primeiro precisamos deszumbigelar você.

— Flores — diz Kai. — Jogos.

— Sapatos vermelhos — diz Gerda. — Exercícios.

— Eles estão agindo de modo tão estranho — observa Sharon.

— Acho que estão dizendo coisas que os fazem felizes — sugiro, então tento puxar o braço de meu irmão. — Jonah, você vem primeiro, tá?

— Catchup! Cheetos!

— Sim! Catchup! Cheetos! Venha para dentro e vou te dar catchup e cheetos!

— Olá, amiguinhos — diz a Rainha da Neve, subindo no telhado, com sua capa de pele balançando ao vento.

Ah, não!

— Congele! — sussurra Sharon.

Não se mexa, digo para mim mesma. Não. Se. MEEEEEXAAA.

Eu nem tive tempo de colocar a cenoura na boca.

Sharon conseguiu pôr. Mas colocou no nariz. É sério.

E a cenoura continua lá. Ela é muito melhor em disfarces que eu.

Não só não tenho uma cenoura na boca, como o bigode colado em meu queixo está começando a coçar.

Não. Não pense no queixo. Esqueça que tem um queixo. Que queixo? Não tenho um queixo.

Eu tenho queixo! E está coçando! Mas não vou usar os galhos que seguro como se fossem braços para coçar meu queixo. Embora eu realmente queira fazer isso.

Não vou.

AHHHHHHHHH!

A Rainha da Neve passa por nós e sequer olha duas vezes para mim ou para Sharon. Cai direitinho em nosso disfarce. Não consigo acreditar. Além de excelente em fugas, sou também um boneco de neve espião de primeira.

A Rainha da Neve abre os braços na direção de Jonah, Gerda e Kai. Espero que diga algo cruel, mas tudo o que diz é:

— Olá mais uma vez, lindos amigos! Quem quer brincar?

Por que ela soa tão amistosa?

Os três sorriem para ela.

Ahn? Ela quer brincar com eles? Por que jogou um feitiço neles? Por que jogaria um feitiço em alguém com quem quer brincar?

E por que meu bigode coça tanto, tanto, tanto?!

A Rainha da Neve segura um buquê de flores brancas e vermelhas.

— Não tenho catchup ou sapatos vermelhos, mas quem quer flores? Tenho heléboros no átrio! Florescem lindamente na neve. Kai, sei que você adora flores!

Sério? Heléboros? Jonah tinha razão?

Fico triste por ele não estar consciente o bastante para poder esfregar isso em minha cara.

— Ah, não — sussurra Sharon. — Sou alérgica a flores. Ahh...ah... ahhhhh...

— Põe pra dentro! — sussurro de volta.

— ATCHIMMMMM! — Um espirro épico ressoa pelo telhado e pelas montanhas. A cenoura sai voando do nariz de Sharon e acerta a perna da Rainha da Neve.

A rainha se vira em nossa direção.

— Ops — diz Sharon, completando em seguida: — CORRA!

Capítulo treze



Escolhas

Largo os galhos e corro. Escorrego-corro, na verdade. É mais difícil correr na neve do que se imagina. Queria estar usando as chuteiras de Jonah.

— Esperem, meninas! — diz a Rainha da Neve. — Vocês podem se juntar aos demais e serem minhas amigas especiais!

— Venha, Jonah! — grito, enquanto corro, mas ele não me segue.

Saio disparada pelas escadas logo atrás de Sharon.

Ela chega ao andar principal e sai do castelo-iglu imediatamente.

Só que eu não posso sair sem Jonah. Talvez deva encontrar outro caminho que dê no telhado, pegar meu irmão e Príncipe, então começar a bater nas coisas para encontrar o portal para casa. Posso esperar estarmos de volta a Smithville para tentar consertar Jonah e nosso cachorro. Mas como faço para voltar ao telhado se estou fugindo de lá?

Além disso, e os outros? Não posso deixar Kai e Gerda em transe.

— Onde vocês duas pensam que vão? Hein, irmã mais velha e ladrazinha? — grita a Rainha da Neve do alto das escadas.

Jonah, Kai e Gerda estão parados atrás dela, como um exército de zumbilados.

Sharon se vira.

— Você sabe quem eu sou?

Eu me abaixo atrás de uma coluna de gelo, fora do campo de visão da Rainha da Neve, embora ainda consiga ver Jonah.

— É claro que sei — afirma a rainha. — Você e seu bando tentaram roubar meu trenó uma vez!

Brinco de guitarra imaginária um pouquinho, pelo meu irmão, esperando alguma reação.

Não há reação alguma. Apenas olhares de zumbilados.

— Tentei? — pergunta Sharon. — Eu não sabia que era seu! Juro! — Então completa: Era um trenó bem legal.

— Não vai roubar mais nada de ninguém — sussurra a Rainha da Neve antes de juntar os lábios num beijo. — SM-ACK! — Fumaça branca vai na direção do rosto de Sharon.

Quando a névoa branca encosta nela, a luz deixa seus olhos.

— Cream cheese — diz ela, num tom sem vida. — Cream cheese.

— Agora, para onde a irmã mais velha foi? Saia agora mesmo, onde quer que esteja — cantarola ela.

Eu não me mexo. Não posso deixar que ela me veja. Não posso ser pega. Não posso! Sou a única que restou. Se ela me transformar em um zumbilado, então ninguém vai poder nos salvar. Ficaremos presos neste conto de fadas para sempre.

— Se não sair, vou jogar mais e mais beijos em seus amigos — ameaça ela. — Aí eles não vão poder mexer nenhum músculo. Como seu cachorro.

Estremeço. E me lembro do que Ralph disse. E se ela lançar beijos o bastante para nos matar?

— Saia agora e apenas soprarei um beijinho de nada, como fiz com seu irmão e seus amigos. Eles adoram esse lugar. Eu sabia que iam gostar! Eu mesma fui buscá-los na casa dos ladrões. Estavam simplesmente parados lá fora. Soprei um beijo em cada e os trouxe para sua casa nova.

Ah! Então foi isso que aconteceu. Por isso não estavam mais lá. A Rainha da Neve jogou um feitiço nos dois e os forçou a subir em seu trenó.

— Você não quer ser feliz? — pergunta ela. Em seguida ouço: — *Sm-ack! Sm-ack! Sm-ack!* — Ela começa a lançar beijos pela sala. Se atingirem alguém por acidente, vai piorar muito as coisas.

Ela ainda não me viu. Os beijos ricocheteiam por todo lado, fazendo com que a neve vire gelo, e que o gelo se quebre.

Olho para o espelho de mosaicos.

Hum. Será que existe alguma chance de esse espelho ser o portal para casa? Às vezes o portal é um espelho. Não precisa ser um espelho, mas pode ser. Se por acaso for, poderei voltar pelo espelho para buscar ajuda. Pegaria meus pais. Aí voltaríamos e salvaríamos todo mundo.

Eu me aproximo e bato uma vez no objeto.

Ele começa a assoviar. É o portal! Imediatamente bato mais uma vez, e ele fica roxo.

— Veja você, brincando com fogo — comenta a Rainha da Neve. — Foi esse espelho que fez isso comigo, sabia.

Paro.

— Foi?

— Um troll me enganou. Ele sabia que eu estava me sentindo só após a morte de minha mãe, pois meu pai era cruel e eu não tinha irmãos. O troll estava em cima de um pinheiro e me perguntou se eu queria ser a Rainha da Neve, assim todo mundo seria legal comigo. Eu disse que sim! É claro que disse sim. Eu só tinha 10 anos! Que menina de 10 anos não quer ser rainha e ser bem-tratada por todos? Ele disse, “aqui está sua coroa!”. Aí jogou o espelho em cima de mim e riu quando ele se quebrou em mil pedaços em minha cabeça. Meu cabelo ficou prateado. E, depois disso, ganhei o poder de congelar as pessoas. Logo percebi que todo mundo tinha medo de mim. Ninguém queria ser legal comigo. Eu tinha de fazer com que *virassem* meus amigos. Então, na próxima vez que vi o troll, ele teve o que mereceu.

— O que aconteceu com ele? — pergunto, com a voz baixa.

— Vamos apenas dizer que joguei beijos demais nele.

Estremeço.

— Você pode voltar a ser normal?

Ela solta uma risada triste.

— Não. Eu já tentei. Além do mais, não quero mais ser como era antes. Sou poderosa. Veja o que consegui que um grupo simpático de construtores fizesse! Este castelo incrível!

— Conseguiu? — pergunto. — Quer dizer que os enfeitiçou?

— Exatamente — afirma ela. — Normalmente, deixo as pessoas irem depois que cozinham, limpam ou projetam coisas para mim, mas aí, ano passado, pensei, “*por que não mantenho um aqui?*”. Sempre quis um irmão mais novo! Então peguei meu trenó e encontrei o Kai. Depois você e seu irmão vieram até mim. E pensei, por que não pegar mais dois? Aí peguei o trenó e fui atrás de vocês. Encontrei seu irmão e Gerda em vez disso. Agora veja minha vida maravilhosa! Tenho tantos amigos!

— Amigos? — Olho na direção dos zumbilados. — Eles não são seus amigos.

Olho para o espelho quebrado de novo. O que eu faço? Bato uma terceira vez e pulo? Posso mesmo deixar meu irmão aqui? E Gerda, Sharon e Kai?

Não. Não posso. Se eles vão ficar, eu também vou. Seremos zumbilados juntos.

A não ser que eu consiga convencer a Rainha da Neve a deixar a gente ir embora.

— Eles não são seus amigos — repito. — Você os está forçando a ficar aqui.

— Quem se importa? — questiona ela, jogando o cabelo prateado. — Posso fazer com que as pessoas façam o que eu quiser! *Posso* forçá-los a ficar comigo!

— Mas amigos não funcionam assim — argumento. — Amigos *querem* ficar com você.

O espelho não está mais roxo. Acabou o tempo do portal. Voltou a ser apenas um espelho de mosaico. Se eu quiser que se transforme num portal, terei de começar tudo de novo.

A Rainha da Neve inclina a cabeça para o lado.

— É verdade que não estamos de igual para igual. Sempre me perguntei como seria ter uma relação de igualdade. — Seus olhos me avaliam de cima a baixo. — Talvez essa pessoa possa ser você.

— Eu? Oi?

— Sim. Você. Esse espelho. Ele me deu poder. Pode dar poder para você também.

— Que poder?

Ela bate o pé no chão coberto de neve.

— O poder de ter isso tudo! De ter tudo o que quiser! De ter a capacidade de congelar pessoas para fazer com que sejam seus amigos.

Então o espelho mosaico tem dois poderes. É um portal e concede às pessoas o poder de congelar. Esse espelho mágico é mesmo bem especial.

— Meu beijo é meu único poder — continua a rainha —, mas é um poder incrível. Você quer esse poder?

Eu a encaro. Não consigo deixar de pensar em Robin. E em Frankie. Foi mais ou menos isso que fiz ontem? Tentei forçá-las a fazer o que eu queria? Basicamente tentei forçar Robin a ser minha amiga?

— Posso ver que você quer fazer isso — comenta ela. — Vá em frente. Quebre o espelho em sua cabeça! Seja como eu! Seremos rainhas da neve juntas!

Uau!

Não imaginei que algo assim aconteceria.

Eu queria que pudéssemos, hum, congelar o tempo por um minuto para que eu pudesse pensar

em tudo isso com calma. É claro que uma parte de mim está intrigada com a ideia de ter o mesmo poder da rainha. É CLARO. Não seria incrível se eu pudesse jogar beijos nas pessoas e fazer com que fossem minhas amigas? Robin me pediria desculpas. Frankie seria minha amiga para sempre. Até Penny ia querer estar comigo — não que eu queira isso.

Mas uma parte bem maior de mim pensa que a Rainha da Neve é totalmente doida.

Ela acha mesmo que vou quebrar um espelho na cabeça? Para começo de conversa, iria doer. Muito. Provavelmente eu teria uma concussão. E, segundo, quebrar um espelho traz sete anos de azar.

E preciso de toda a sorte que eu puder ter.

— Vamos lá — ronrona ela. — Sei que você quer.

— Não quero, não mesmo — respondo. — Não me dou muito bem com esse tempo frio. Costumo dormir com dois pares de meias felpudas. E iria preferir fazer amigos do jeito normal.

— Pode esquecer então! — bufa ela, conforme puxa a capa sobre os ombros. — Não preciso de você mesmo! SM-ACK!

Ah, não.

Minha cabeça começa a girar. Meus olhos queimam. Do nada sinto uma vontade de construir bonecos de neve e de gritar “chocolate quente!” e “melhores amigos!”.

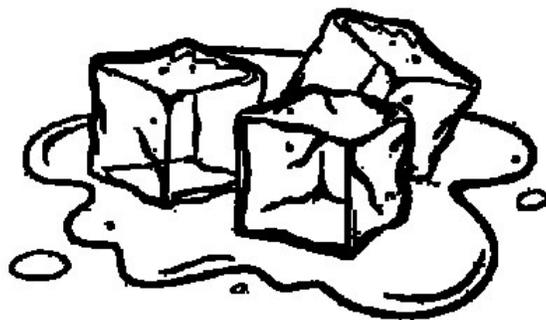
— Mais um para você. — Ouço a Rainha da Neve dizer, como se houvesse uma neblina. — Ofereci um presente, e você o recusou. Menina boba! SM-AAAAAACK!

Minha pele começa a pinicar. Tudo fica frio. Minhas pernas. Minhas mãos. Meu rosto.

Eu levanto os braços para impedir o feitiço, mas é tarde. Minhas mãos ficam imobilizadas em frente a meu rosto. Não consigo mexê-las. Não consigo mexer nada.

Estou total e completamente congelada.

Capítulo catorze



Gostaria de mexer minhas mãos, por favor

— **E**u alertei você de que faria isso — diz a Rainha da Neve, balançando o dedo indicador. — Tsc-tsc. Não é uma ouvinte muito boa.

Sou um picolé. Não. Sou um Abby-colé.

Não consigo mexer absolutamente nada.

Além de não ter ganhado poderes, estou também completamente impotente.

A única boa notícia é que ainda estou viva.

E também não sinto mais frio. Mas me sinto entorpecida. Tipo quando as pernas ficam dormentes logo antes de uma comichão.

Vejo minhas mãos. Ambas estão abertas. Parecem as mãos de sempre, só que cobertas por uma fina camada de gelo. *Vamos mãos, mexam-se, mexam-se!*, oriento. Mas elas não cedem. É bizarro. É assustador. Coitado do Príncipe. Está assim faz mais de um dia!

— Devia ter se juntado a mim — ralha a rainha. — Não há nada que possa fazer para se salvar. Ninguém vai ajudar você. Ninguém se importa.

— Eu me importo. — Ouço alguém dizer.

Ahn? Quem disse isso? Todo mundo aqui virou um zumbilado!

Eu me viraria para ver quem disse isso se não estivesse congelada e tal.

Ding, ding, ding! É o sino de Ralph? É! É Ralph! Ele voltou!

— Eu te conheço? — pergunta a Rainha da Neve.

Ding, ding, ding.

Ralph para bem a minha frente. Posso ver os dois sem ter de mover minha cabeça. O que é bom,

considerando que *não consigo* mexer a cabeça.

— Não — responde ele. — Mas eu a conheço. Me lembro de ouvir falar de você, há muitos anos. Sei que escolheu o poder em vez de amigos e família quando era jovem. Lembro como todo mundo tinha medo de você e fugia.

— Fugiram *mesmo!* — resmunga ela, virando-se de costas para nós dois. — Eles me abandonaram!

— Tinham medo de você.

— E por que você não tem?

— Eu tenho — afirma Ralph. — Mas estava na metade do caminho para casa e para minha família quando decidi que não poderia deixar essas crianças se defenderem sozinhas. Somos JARG! JARG! Meu coração derrete. O restante de mim, infelizmente, não.

— Então voltou para tentar salvá-los? — pergunta a Rainha da Neve, incrédula. — Arriscando sua vida?

— Sim. — Ralph me encara, olho no olho. — Eu nem deveria ter ido embora, para começar. Abby arriscou a vida por mim. Gerda arriscou a dela para salvar Kai. E Jonah e Abby arriscaram as próprias vidas para salvar *o cachorro!* Um cão! Um animal tão insignificante.

Reviro os olhos. É a única parte de meu corpo que consigo mover.

— Ninguém nunca arriscou a vida para me salvar — murmura a Rainha da Neve.

— É algo que precisa conquistar — explica Ralph.

— Conquistar como? — pergunta ela.

— Lealdade. Amizade. Não pode forçar ninguém a isso.

A Rainha da Neve se vira e o observa.

— Mas como? Como é possível conseguir isso?

— Bem, pode começar descongelando todo mundo.

— Por que eu faria isso? — pergunta ela, num tom frio. — Daí ninguém vai ficar aqui comigo! Eu ficaria sozinha!

— Essa é a questão — responde Ralph. — Precisa dar a eles a opção de ficar com você. Por escolha própria.

Ela balança a cabeça.

— Eles não vão ficar. Eu sei disso. Se os libertar, vão todos embora. Você ficaria?

— Eu? Não. Faz anos que não vejo minha família. Mas posso vir visitar.

A Rainha da Neve está certa. Imagino que Kai e Gerda precisem voltar para suas famílias, assim como eu e Jonah temos de voltar para casa o quanto antes. Mas Sharon... Sharon amou esse lugar! Ela achou que era legal, não foi? É possível que Sharon fique.

Espere. Talvez seja isso!

Ralph precisa dizer à Rainha da Neve que Sharon pode querer ficar! Ele precisa lhe dar esperança! E nem é uma esperança falsa. É possível que ela fique mesmo. Mas não consigo mover os lábios. Como explico a Ralph o que ele deve dizer?

Ah!

Espero até Ralph olhar para mim, então sinalizo: duas piscadas longas, uma curta.

E repito para ter certeza de que ele percebeu.

A princípio, ele parece confuso.

— Perigo? Sim, sei que estamos em perigo. Não brinca!

Faço o código rorse de novo.

Os olhos de Ralph se acendem.

— Sharon! — grita ele. — Sharon vai ficar! Ela não tem para onde ir! Sharon ficaria aqui por livre e espontânea vontade! Pelo menos, acho que ficaria. Mas nunca saberemos com certeza, se você não libertá-la do feitiço. Se não soltar todos eles. — Ele pisca para mim.

Eu pisco de volta.

Consegui! Nós conseguimos! Viva o código rorse!

A Rainha da Neve olha para mim e para Ralph, estreitando os olhos.

— Como vou saber que não está mentindo para que eu faça o que você quer?

— Não tem como saber — responde ele. — Mas precisa confiar em mim. E acho que sou uma rena bastante confiável. Voltei para ajudar meus amigos, não voltei? Estou arriscando minha vida falando com você! Sem mencionar que estou deslizando sem parar por esse seu chão escorregadio. Nem queira saber o que acontece com uma rena que quebra a perna. Não é nada bonito.

A rainha olha para Ralph e depois para mim de novo. Em seguida respira fundo.

Xiii. Será que está se preparando para um longo SMM-AAACK que vai derrubar Ralph no chão? Será que vai mandar mais um beijo em minha direção?

É o fim?

Contudo, em vez de soprar, a Rainha da Neve começa a inspirar. Mais e mais.

Não sei para onde todo o ar está indo, porque ela não está enchendo como um balão, mas continua inalando.

Uma brisa fria passa por mim enquanto ela faz aquilo. Observo Kai, Jonah e Gerda.

Suas expressões vão mudando. Como se estivessem derretendo.

Gerda estica os braços sobre a cabeça. Kai esfrega os olhos. Sharon franze e desfranze o nariz.

Jonah pisca uma vez, depois pisca de novo. Ele balança os ombros, como se estivesse se livrando de alguma coisa ali.

— Abby! — grita meu irmão, correndo até onde estou e jogando os braços em mim. — Aquilo foi tão terrível! Vi você, mas não podia falar com você! Eu não conseguia fazer nada que queria fazer!

Quero responder, mas como estava mais congelada que os outros, está levando mais tempo para que eu descongele. Finalmente, meus braços começam a formigar e posso senti-los novamente. Devagar, abraço Jonah. Ainda não consigo falar, mas nosso abraço diz tudo que as palavras não podem dizer.

— Gerda? — chama Kai. — É você? Você veio me buscar!

— É claro que vim — afirma ela, indo até Kai e lhe dando um abraço apertado. — Você é meu melhor amigo.

— Acho que ela te ama — cantarola Sharon, e então começa a rir. — Acho que vocês se amammmmmmm. E que vão se casarrrrrr.

— Nós só temos 12 anos! — gritam os dois, embora ambos fiquem corados.

Vai saber? Talvez um dia se casem mesmo.

Meus lábios começam a formigar, e, finalmente, consigo mexer a boca.

— Estou tão feliz por você estar bem — digo a Jonah. — Fiquei tão preocupada quando não vi você do lado de fora da casa dos ladrões!

— A Rainha da Neve nos pegou com seu trenó. Eu me lembro apenas de estar escondido, então de sentir um beijo gelado de ar e, em seguida, estava no trenó e aqui. E ficava pensando em catchup e cheetos.

— Eu só pensava em bagels e cream cheese — comenta Sharon, lambendo os lábios. — Amo cream cheese. A neve é bem parecida com cream cheese, não acha?

— Belo bigode, à propósito — diz meu irmão.

Eu o arranco e entrego para Jonah.

— É todo seu.

Ele comemora e cola o bigode embaixo do nariz.

Au! Au! Au! Ouço um latido do telhado.

Príncipe está bem! Oba!

— Príncipe! — grito. — Estamos aqui embaixo!

Ele vem rebolando pelas escadas e pula em meu irmão. Príncipe lambe o rosto de Jonah, depois pula em mim e faz o mesmo.

Nunca o beijo de um cachorro pareceu tão bom. Ou tão quentinho.

— Quem é um bom menino? — pergunto. — Quem é? É o Príncipe!

— Conseguimos! — comemora Jonah, mas em seguida parece confuso. — Como isso aconteceu?

— Eu e Abby conseguimos — diz Ralph.

A Rainha da Neve está sentada sozinha num canto. Está ainda mais pálida, seus olhos estão arregalados e... cheios de lágrimas? Será possível? Ou talvez só esteja com frio e exausta. Ela sugou bastante frio.

— Você está bem? — pergunto.

— Não sei — responde ela, com a voz trêmula. — Nunca tinha descongelado tanta gente ao mesmo tempo. Não me sinto muito bem. Mas tenho certeza de que vocês querem ir embora. Podem ir. Não vou impedi-los. — Ela suspira.

— Não vamos simplesmente deixar você aqui depois de ter nos salvado — comenta Gerda, com as mãos nos quadris. — Que tipo de gente acha que somos?

— Somos JARG — diz Jonah.

— Não! Somos JARGSKRDN — diz Ralph. — Seu nome é mesmo Rainha da Neve?

— Não — responde ela. — É Nicolette.

— JARGSKN! — gritamos todos.

Príncipe late.

— JARGSKNP? — corrijo. — Bem que podíamos arrumar uns amigos cujos nomes começassem com vogais.

Dez minutos e alguns cobertores depois, estamos completamente descongelados. A Rainha da Neve, Nicolette, recuperou parte de seu viço e não parece mais tão murcha.

— Obrigada — agradece ela. — Estou me sentindo bem melhor. Podem ir agora. Eu entendo.

Aliviada, pego Príncipe e coloco um de meus braços ao redor de Jonah. Gerda e Kai dão os braços, e Ralph relincha, feliz.

— Ir? Tenho de ir? — pergunta Sharon, franzindo o cenho. — Você está me expulsando?

Nicolette dá de ombros.

— Você não quer ir para casa?

— Que casa? Não posso ficar mais um pouco? — pergunta ela, esperançosa. — Posso ser bastante útil! Sei cozinhar! Sei roubar!

Nicolette parece confusa.

— Não preciso que você roube nada. Mas... pode ficar o quanto quiser — acrescenta ela com felicidade, e Sharon sorri. Fico bem feliz por ela, assim não vai precisar voltar para o bando de ladrões.

— Viu? — comenta Ralph, todo orgulhoso. — Eu disse que ela ficaria. — Ele dá outra piscadela

para mim, e eu rio.

— Quantos quartos têm aqui? — indaga Sharon, olhando ao redor. — Tem lugar para mim?

— Tem dez quartos — explica Nicolette. — Sempre quis que as pessoas viessem e ficassem. Mas ninguém nunca fica.

— Ah, eu vou ficar, sim — diz Sharon. — E tenho certeza de que conseguimos outras pessoas que queiram ficar também. Podemos alugar os quartos! Isso não seria divertido?

— Superdivertido! — concorda Nicolette. Elas sorriem uma para a outra. Eu sabia! As duas vão ser como unha e carne. Bem, não exatamente. Sabe. É uma expressão.

Também dou um sorriso. Percebo que Jonah, Gerda, Kai e Ralph parecem tão satisfeitos quanto eu. A Rainha da Neve era apenas muito solitária.

— Você não toca nenhum instrumento, não é? — pergunta Sharon a Nicolette.

— Não — responde ela. — Por quê?

— Os ladrões com quem eu morava estavam loucos para começar uma banda, tocando guitarras. Ensiavam todas as manhãs, mas eram horríveis. Tive dores de cabeça fortíssimas por conta disso.

Os olhos de Jonah se acendem.

— O bando de ladrões era também uma banda?

Sharon assente.

— Uma tentativa de banda.

— Ha! — Jonah faz sua pose de guitarra imaginária. — Ouviu isso, Abby? O bando era *também* uma banda! Incrível!

Não posso evitar a gargalhada. É, pelo visto nem sempre estou certa. Normalmente. Mas não *sempre*.

Penso em Robin e minhas bochechas esquentam. Acho que fui mesmo muito mandona com ela...

— Kai e eu precisamos ir — diz Gerda. — Minha avó deve estar sentindo nossa falta. Vamos levar alguns dias andando até lá.

— Posso levar vocês voando — oferece Ralph. — Não levará mais que duas horas.

— Temos de ir para casa também — digo a Jonah. — Ainda está com seu relógio?

— É claro que ainda estou com meu relógio! — afirma meu irmão, levantando o braço orgulhoso para me mostrar. Estou orgulhosa dele também. Talvez não seja tão irresponsável, no fim das contas.

— São apenas 5h30 em casa — informa ele. — Então temos algum tempo. Mas eu bem que podia tirar um cochilo antes da escola. E ainda temos de descobrir como voltar.

Olho para o espelho de mosaico.

— Tenho uma ideia.

Nicolette sorri, tímida.

— Me desculpe por ter dito para você quebrá-lo. Fico feliz que não o tenha feito. É divertido, mas não vale a pena.

— O que é divertido? — pergunta Sharon. — E o que não vale a pena?

— Poder escolher quebrar o espelho em sua cabeça para ganhar poderes de Rainha da Neve — explico. — Mas é preciso querer fazer isso, certo? Você que tem de escolher!

Nicolette assente.

Os olhos de Sharon se arregalam.

— É mesmo?

Nicolette assente de novo.

Sharon pula para cima e para baixo.

— Eu quero! Seria muito legal! Meu cabelo vai ficar prateado?

Nicolette confirma que sim.

— Vai. Mas é melhor não ter poderes. E, de todo modo, não quer que as pessoas tenham medo de você.

— Eu adoro que tenham medo de mim!

— Ela gosta mesmo — concorda Ralph.

— Sharon, não pegue os poderes se só for machucar os outros com isso — aconselho. Assim ela seria igual à Rainha da Neve.

— Mas você não percebe? — comenta Sharon, com os olhos imensos e brilhantes. — Tem muitas coisas boas que eu poderia fazer com o poder de congelar. Poderia paralisar lobos antes que atacassem pessoas! E poderia ajudar pessoas machucadas e deixar seus ferimentos dormentes! Poderia ajudá-los a pensar nas coisas que amam. Há *muitas* coisas úteis que eu poderia fazer!

Sinto uma onda de calor.

— Você está absolutamente certa.

— Ela *está* absolutamente certa — afirma Nicolette, deixando sua cabeça pender. — Estou envergonhada por nunca ter feito nenhuma dessas coisas legais com meus poderes.

— Bem, podemos começar juntas — sugere Sharon a Nicolette. Em seguida ela vai até o espelho. — Aqui vou eu!

— Ei, calma! — digo. — Se importa se o usarmos primeiro? Para irmos para casa? Ele ficou roxo e criou um redemoinho antes, então estou certa de que funciona como um portal também. Aí depois vocês podem fazer uma festa de quebrar o espelho.

Sharon faz um beicinho.

— Certo.

Jonah e eu começamos a dar adeus para todos.

— Nós não tivemos a chance de conversar — digo a Kai. — Mas você tem uma ótima amiga bem ali.

— Eu sei — responde ele, pondo o braço no ombro de Gerda. — Ela é a melhor.

— JARGSKNP para sempre! — diz Gerda, quando eu a abraço em seguida. — Queria que você morasse na República da Nevasca — comenta ela.

— Eu queria que você morasse em Smithville — digo.

— Seríamos melhores amigas — falamos juntas.

— Achei que eu fosse seu melhor amigo — interrompe Kai.

— Não seja bobo — diz Gerda a ele. — Posso ter mais de um melhor amigo.

— É claro que pode — afirmo, me sentindo meio boba por causa daquela coisa toda com Robin. Porque é claro que as pessoas podem ter mais que um melhor amigo. Afinal de contas, até pouco tempo atrás, Robin e Frankie eram minhas *duas* melhores amigas. Talvez não tenha sido muito justo de minha parte ter dito a Robin que ela deveria escolher entre nós duas e Penny.

Em seguida, dou um abraço em Sharon, Ralph e até mesmo em Nicolette.

— Não se preocupe, não vou beijar você — brinca ela, e faz um carinho em minha cabeça.

Fico parada na frente do espelho, segurando Príncipe com um braço. Com a outra mão, seguro a mão de Jonah. Meu irmão bate no espelho uma vez, duas, três.

O reflexo começa a rodopiar, e entramos.

Capítulo quinze



De volta ao calor

Colocamos os pés no chão do porão, e solto Príncipe, que se deita de costas e rola.

— Conseguimos! — diz Jonah.

— Conseguimos. — Deixo escapar um suspiro.

— E ainda são 5h30 da manhã! Ainda temos mais de uma hora para dormir! Vamos descansar um pouco.

Quando estamos subindo os degraus do porão, ouço um estalo.

Então a porta se abre.

— Jonah? Abby? Subam agora mesmo! — grita meu pai.

Sinto meu estômago pesar.

Droga. Meu pai já levantou. O que significa que minha mãe está acordada também. Eles sabem que estamos no porão. Sabem que quebramos a promessa.

Jonah aperta meu braço.

— Xii — diz ele.

— Agora! — completa mamãe.

Devagar, subo o restante da escada. Olho para trás e encaro Príncipe com irritação.

— Isso é culpa sua — digo.

Ele abaixa a cabeça. Ele sabe muito bem.

Meus pais estão na cozinha, com uma expressão furiosa.

— De novo? — grita meu pai. — Fizeram isso de novo? Por quê?

— Estávamos doentes de preocupação! — reclama minha mãe.

— Desculpe — digo.

— Sinto muito também — diz Jonah.

Príncipe dá um ganido.

— Onde vocês estavam? — pergunta mamãe, cruzando os braços. — Estão usando fantasia de Halloween? Por que seu rosto está pintado de branco, Abby? E por acaso está com uma bota só? De quem é essa bota? Jonah, você está coberto de neve. Vocês foram lá fora? Mas nem está nevando... Isso é um bigode?

— Eu...

Estou prestes a mentir, dizendo que estávamos brincando no porão.

Mas não.

Não vou mais mentir. Simplesmente não vou. Não ligo se a fada da história da Branca de Neve me falou para não contar nada. O que devo a ela? Nada! Por que estou lhe dando ouvidos afinal de contas? Ela é só uma pessoa qualquer — uma fada qualquer — que me pediu para mentir para meus pais. Nunca se deve dar ouvidos a alguém que diz que temos de mentir para nossos pais! Todo mundo sabe disso! Pessoas que dizem que você deve mentir para os pais nunca são boa coisa. E, de todo modo, Maryrose nunca me pediu para mentir. Ela nunca disse nada sobre para quem eu deveria ou não deveria contar.

Inspiro profundamente, como uma Rainha da Neve faria, e me forço a falar:

— Mãe, pai, precisamos contar a verdade.

Os olhos de Jonah ficam arregalados.

Eu confirmo com a cabeça. Temos de contar a eles. Sei que provavelmente teremos que abrir mão de nossas aventuras, mas não tenho escolha.

— Sério? — pergunta Jonah.

— Sério. — Dou um pigarro. — Temos um espelho mágico no porão.

Meu pai pisca.

— Como é?

Eu me ajeito.

— Temos um espelho mágico em nosso porão. Quando batemos nele três vezes, somos levados para um conto de fadas.

Minha mãe revira os olhos.

— Parem com isso, crianças.

Meu irmão começa a pular.

— É sério! Ela não está brincando!

— A princípio não sabíamos que era mágico — conto. — Jonah bateu no espelho acidentalmente, e Maryrose nos puxou lá pra dentro.

— Quem é Maryrose? — questiona meu pai, franzindo as sobrancelhas.

— É a fada que vive dentro do espelho — explica Jonah.

— Sim — confirmo. — Primeiro, nós entramos na história da Branca de Neve!

— Depois na da Cinderela. E, em seguida, na da Pequena Sereia! — Jonah continua pulando. — Fico torcendo para entrarmos na história do João e o Pé de Feijão, mas até agora...

— Chega! — grita mamãe. — Não gostamos de mentiras.

— Não estamos mentindo — retruco. Sempre pensei que nossos pais acreditariam se contássemos a verdade. Nunca considerei que pudessem não acreditar.

— Podemos mostrar a vocês — sugere Jonah.

— Ah, é? — pergunta meu pai. — Tudo bem, então. Mostrem.

— Mas provavelmente precisamos esperar até meia-noite — explico.

— Ah, não — diz minha mãe, com uma risada. — Eu gostaria de ver agora mesmo.

Eles estão zombando da gente. Não acham que nada disso é real.

— Mas vocês não entendem — argumento. — O espelho engole as pessoas.

— Então ele vai nos engolir — afirma meu pai.

— Acho que eles não acreditam na gente — comenta Jonah comigo.

Dou de ombros.

— Mas vão acreditar.

Lidero o caminho escada abaixo. Jonah, meu pai, minha mãe e Príncipe, que está com uma expressão culpada, me seguem.

— Prontos? — pergunto.

— Vá em frente — diz minha mãe.

Eu bato. Uma. Duas. Três vezes.

É agora.

Espero. Nada de assovio ou luz púrpura. Nada de redemoinho no espelho. Nada da voz de Maryrose. Nada de nada.

Minha mãe dá um pigarro.

— É, tem de ser meia-noite — informo.

— E, mesmo assim, nem sempre o espelho deixa a gente entrar — completa Jonah. — Às vezes temos de tentar novamente outro dia. Tipo, quando não estamos com as roupas certas ou se não tivermos com nosso traje de banho...

— Claro, crianças — zomba meu pai. — Como quiserem. Olhem, adoramos que tenham tanta imaginação, mas não gostamos de mentiras. Principalmente depois de termos dito que vocês não podiam brincar aqui embaixo de noite. E vocês prometeram. E quebraram essa promessa. As consequências serão bem sérias.

— Mas funciona de verdade! — grita Jonah. — Sério! Vou tentar mais uma vez!

Sinto meu estômago afundar. Se Maryrose não quiser que meus pais saibam de nada, assim será.

— Nem tente, Jonah — digo a ele.

Ele bate uma vez. Duas.

— Jonah, pare — peço.

Ele bate uma terceira vez.

Vuuush!

Ouvimos um assovio alto, e uma luz roxa inunda o cômodo.

Funcionou! Funcionou mesmo! Obrigada, Maryrose! Obrigada por não deixar a gente mal nessa!

— O que é isso? — pergunta minha mãe, olhando em volta.

O espelho começa a girar. Meu coração bate mais forte.

— Olá — diz Maryrose de dentro do espelho. — Bonnie e Dave, por favor, olhem para cá. Jonah, Abby e Príncipe, por favor, virem o rosto.

Uau.

Minha mãe e meu pai fazem o que Maryrose manda.

— Vocês estão ficando com muito sono — diz ela, enquanto o espelho gira e rodopia.

Ela vai hipnotizar os dois! Afasto meu olhar do espelho e olho para Príncipe, que está enfiando a cabeça no meio das peludas patas dianteiras.

— Quando acordarem, não se lembrarão de nada disso — explica Maryrose. Sua voz soa como uma cantiga de ninar. — Não lembrarão que Abby e Jonah estiveram no porão. Não lembrarão que pediram aos dois que não fossem ao porão de madrugada. De agora em diante, dormirão muito, muito profundamente à noite. Vocês não vão castigar Abby nem Jonah.

— Nunca? — pergunto, ainda sem olhar.

— Vocês não castigarão Abby e Jonah por nada relacionado ao porão durante a noite. Esquecerão que eles acordaram vocês. Agora, por favor, subam e voltem para a cama. Quando acordarem, tudo terá sido esquecido.

Meus pais estão encarando o espelho com expressões vidradas no rosto.

— Quando o espelho ficar amarelo, vocês dois irão lá para cima.

Os dois assentem.

O espelho fica amarelo.

Meus pais dão meia-volta e sobem a escada em silêncio.

— Ai, meu Deus — grito. — Isso foi a coisa mais louca que já vi na vida! Eles não vão se lembrar de nada disso! Dá para acreditar, Jonah?

Eu me viro e percebo que meu irmão também tem aquela expressão vidrada no olhar.

— Jonah? — pergunto, em pânico. — Jonah, você não virou o rosto?

Será que isso quer dizer que ele foi hipnotizado também?

Puxo seu braço. Bato no espelho.

— Está me ouvindo? Maryrose, você hipnotizou meu irmão por engano! O que eu faço agora?

Mas ela já se foi. O espelho voltou a ser como era antes de ficar amarelo.

O porão está silencioso.

Jonah está seguindo meus pais escada acima, estilo zumbilado.

Subo também e desligo as luzes.

Meus pais entram no quarto, e Jonah segue para o próprio quarto, com Príncipe no encaixe. Meu irmão sobe na cama, ainda com a fantasia de pinguim, e fecha os olhos.

O que acabou de acontecer?

Quero dizer, sei o que aconteceu: minha família toda foi hipnotizada. Mas o que isso significa para mim? O que isso significa para o espelho?

Vou até meu quarto e fecho a porta. Como vou conseguir cair no sono agora? O que eu faço?

Dou uma olhada na caixinha de joias para ver o que aconteceu com a Rainha da Neve. Antes de nossa viagem, ela estava sozinha na neve, com uma expressão assustadora. Agora está parada em frente ao castelo-iglu abraçada a Sharon. O cabelo de Sharon continua superliso, mas está prateado em vez de louro. Pelo visto ela quebrou o espelho e conseguiu seus poderes, exatamente como queria.

No castelo-iglu, há uma placa que diz HOSPITAL PALÁCIO DA NEVE.

Elas abriram um hospital! A República da Nevasca realmente precisava de um. Agora as duas podem ajudar quem estiver doente ou machucado. Meu coração se aquece. Estou tão orgulhosa delas.

Dou uma olhada nas duas contas com a letra R que estão na caixinha de joias.

Orgulhosa delas e com vergonha de mim.

Robin. É sério que eu a fiz tirar o colar? Realmente removi minha própria letra R e fiz Frankie tirar a dela também, só porque Robin quis ter novas amigas?

Eu não estava sendo muito melhor que a Rainha da Neve, estava?

Tiro meu colar e recoloco o R onde estava antes. Pego a conta de Frankie e ponho no bolso da

frente de minha mochila.

Então sento à mesa, pego um papel de carta laranja que ganhei de aniversário e escrevo:

Querida Robin,

Eu sinto muito. Acho que eu estava com ciúmes de você e de Penny. Mas é claro que você pode ter outras amigas. Até mesmo melhores amigas. Espero que ainda queira ser minha melhor amiga.

Por favor, pode me perdoar?

FRA para sempre.

Com amor,

Abby

Eu dobro o bilhete, coloco o colar de Robin lá dentro e os ponho num envelope que combina com o papel de carta. Darei isso a ela assim que a encontrar na escola.

Em seguida, me sentindo mais leve, calço mais um par de meias e subo na cama.

— Bom dia, Abby! — diz minha mãe, abrindo a porta do quarto. A luz do sol atravessa as persianas.

— Como passou a noite?

Como passei a noite? COMO PASSEI A NOITE? Ela não se lembra mesmo de nada?

Eu hesito, então pergunto:

— Como *você* passou a noite?

— Muito bem — afirma minha mãe. — Fazia tempo que eu não dormia tão profundamente. Me sinto ótima. Venha tomar café — acrescenta ela. — Seu pai está fazendo panquecas. Jonah já está comendo.

Jonah. Ai, meu Deus, Jonah.

— Jonah! — grito, pulando da cama e descendo a escada apressada de dois em dois degraus.

Ele está à mesa da cozinha.

— Papai fez panquecas!

— Estou vendo — digo. — Hum... como você está se sentindo?

— Com fome — responde ele, enfiando o garfo com um pedaço de panqueca na boca.

— É. Estou vendo. Você dormiu bem?

Ele me olha como se eu estivesse maluca.

— Sim. Por quê? Você fez alguma coisa com meu travesseiro ou algo assim?

— Não. — Lanço um olhar expressivo em sua direção. — Você teve algum sonho bom? Ou algum sonho ruim? Ou um sonho frio?

— Sonho *frio*?

Chego mais perto dele.

— Você se lembra de alguma coisa? — sussurro.

— Do que você está falando? Está agindo de um jeito bem esquisito. — Ele bebe um copo inteiro de leite.

Ele não se lembra. Realmente não se lembra da noite de ontem. Será que não se lembra de *nenhuma* de nossas aventuras?

— Posso falar com você sozinho um instante, por favor?

— Agora? No meio do café da manhã?

— Sim. — Pego meu irmão pelo pulso e o puxo para longe da mesa, em direção ao corredor.

— Você se lembra de Maryrose?

Ele pisca.

— Quem?

Quem? QUEM?!

— A fada que vive em nosso espelho mágico!

— Temos um espelho mágico? Legal! É o espelho do banheiro?

— Não, não é o espelho do banheiro! Realmente não sabe sobre o que eu estou falando?

Ele balança a cabeça.

— Mas posso fingir que sei. É um jogo novo?

Eu não acredito nisso. Suspiro.

— Não.

— Posso terminar de tomar meu café agora? — pergunta ele, esperançoso.

O que mais eu posso fazer? Digo que sim com a cabeça e deixo que ele volte para a cozinha. Com a cabeça confusa, sigo Jonah.

— Está um dia bem frio — comenta minha mãe, olhando a previsão do tempo no celular. — Mas sinto muito, crianças, nada de neve ainda.

— Tudo bem — digo, estremeçando. — Não faço questão de neve neste inverno.

— Neve? — repete Jonah. Devagar, ele vira o rosto para mim. — Espere! Acho que tive um sonho com neve! Mas não consigo me lembrar do que aconteceu. Só que tinha neve.

— Você provavelmente estava pensando em nossos invernos em Naperville — diz meu pai, dando uma risada.

Sinto surgir uma esperança. Talvez Jonah *se lembre*, sim, de nossa aventura na República da Nevasca. Talvez a lembrança que ele tem do espelho mágico comece a voltar!

Preciso apenas esperar para ver.

Agradecimentos

Obrigada a...

Aimee Friedman, minha maravilhosa editora!

Laura Dail, minha incrível agente!

Tamar Rydzinski, minha sensacional agente internacional!

Deb Shapiro e Becky Amsel, minhas superassessoras de imprensa!

Ao time da Scholastic: dessa vez, vou tentar não chorar enquanto agradeço a vocês, mas estou verdadeiramente tomada pelo quanto são maravilhosos. Obrigada por tudo. Aimee Friedman (é tão boa que vou citá-la novamente), Becky Amsel (também!), Abby McAden, David Levithan, Tracy van Straaten, Jennifer Ung, Elizabeth Parisi, Emily Cullings, Elizabeth Krych, Joy Simpkins, Bess Braswell, Whitney Steller, Sue Flynn, Ryan Lemme, Lizette Serrano, Antonio Gonzalez e Emily Heddleson.

Emily Jenkins, obrigada por ter lido este livro e por ter me dito mais uma vez como deixá-lo melhor. Honestamente, não sei como escrevi e publiquei qualquer coisa antes de conhecer você.

Katie Hartman e Meredith Bloom, por seus excelentes achados e anotações!

Família, amigos, escritores e outros: Elissa Ambrose (minha mãe e revisora de confiança), Aviva Mlynowski, Larry Mlynowski, Louisa Weiss, Robert Ambrose, Vickie e John Swidler, os Dalven-Swidler, os Finkelstein-Mitchell, os Stein, os Wolfe, os Mittleman, os Bilerman, Courtney Sheinmel, Anne Heltzel, Lauren Myracle, Emily Bender, Tori, Carly e Carol Adams, Targia Alphonse, Jess Braun, Lauren Kisilevsky, Bonnie Altro, Robin Afrasiabi, Jess Rothenberg, Stephen Barbara, Jen E. Smith, Robin Wasserman, Maureen Johnson, Adele Griffin, Milan Popelka, Leslie Margolis, Maryrose Wood, Tara Altebrando, Sara Zarr, Ally Carter, Jennifer Barnes, Alan Gratz, Penny Fransblow, Avery Carmichael, Maggie Marr, Jeremy Cammy e Farrin Jacobs. Um viva especial para minha prima e editora-júnior, Maddie Wolf.

Jess, John, Stella e Sadie Green — obrigada pelo empurrãozinho extra!

Obrigada a todas as livrarias, pequenas e grandes, pelo apoio incrível! Mal posso esperar para conhecer cada uma.

Aos leitores da série Era outra vez: obrigada por lerem, fazendo com que meus livros circulem. Vocês são os melhores!

Muito amor para meu marido, Todd, e para nossas filhas, Anabelle e Chloe. Como devemos nos chamar? TACS? Ou CATS? Amo vocês o tempo todo porque são meus. E porque são incríveis.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Frio congelante - Era outra vez - vol. 6

Site da autora:

<http://www.sarahm.com/>

Facebook:

<https://www.facebook.com/sarahmbooks>

Twitter da autora:

<https://twitter.com/sarahmlynowski>

Tumblr da autora:

<http://sarahmlynowski.tumblr.com/>

Wattpad da autora:

<https://www.wattpad.com/user/SarahMlynowski>

Snapchat da autora:

<https://www.snapchat.com/add/smlynowski>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/771.Sarah_Mlynowski

Skoob da autora:

<https://www.skoob.com.br/autor/1666-sarah-mlynowski>

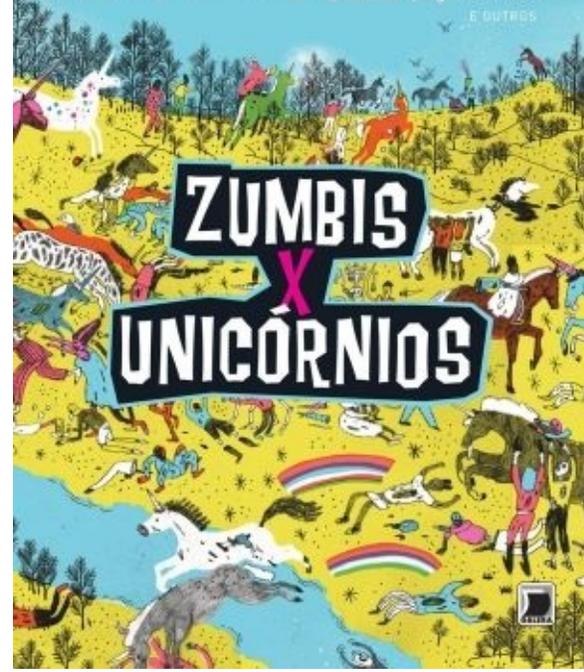
Sobre a autora:

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=5041

ORG. HOLLY BLACK & JUSTINE LARBALESTIER

MEG CABOT Scott Westerfeld
Cassandra Clare Diana Peterfreund
E OUTROS

ZUMBIS X UNICÓRNIOS



Zumbis x unicórnios

Black, Holly

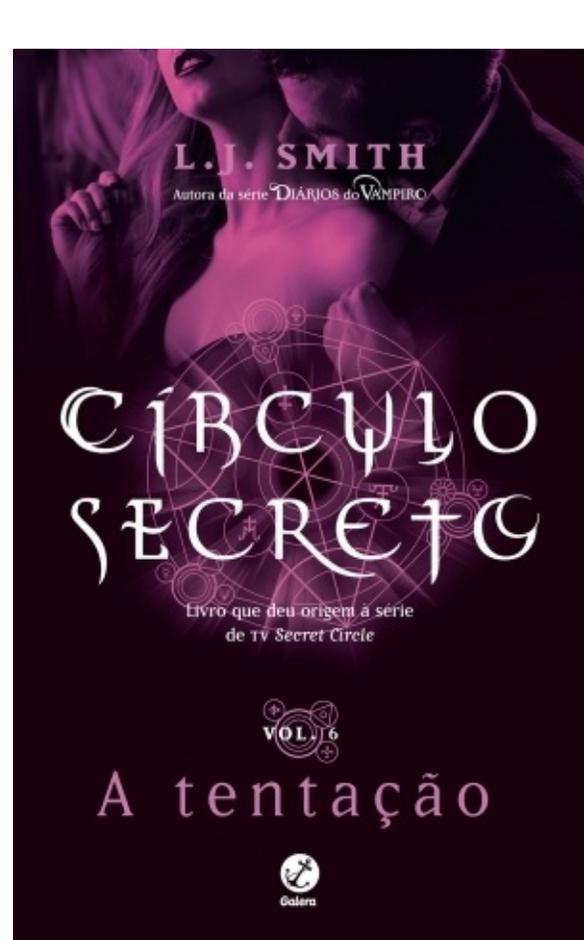
9788501100054

388 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os maiores autores da literatura juvenil reunidos no embate sobrenatural entre Zumbis x Unicórnios Nesta fantástica antologia, Meg Cabot, Cassandra Clare, Scott Westerfeld, Holly Black, Justine Larbastier e outros craques defendem (ou atacam) as duas criaturas. A antiga disputa entre vampiros e lobisomens está ultrapassada. Nesta incrível antologia, editada pelas escritoras Justine Larbalestier (da série Magia ou loucura) e Holly Black (As crônicas de Spiderwick), alguns dos melhores autores da atualidade para jovens adultos, como Meg Cabot (O diário da princesa), Cassandra Clare (Instrumentos mortais) e Scott Westerfeld (Feios), se reuniram para decidir quem são superiores: zumbis ou unicórnios? Em 12 histórias extraordinárias, os autores, divididos em times, deixam clara sua preferência e expõem seus argumentos, incluindo tanto pontos negativos e positivos de cada lado, em uma discussão calorosa. Liderando o time dos zumbis, Justine costuma dizer que eles são a própria morte, vindo a pé. Divertidos, impiedosos e aterrorizantes, não dá pra fugir deles. Totalmente diferentes dos unicórnios, aqueles bichos brilhantes, bobalhões. Já Holly defende que unicórnios são abençoados com o poder da cura, são mediadores da justiça e, ocasionalmente, assassinos altamente treinados. Zumbis babam, se despedaçam e, muito provavelmente, são portadores de doenças. Ou seja, não dá nem pra comparar. E você, já escolheu seu lado?

[Compre agora e leia](#)



L.J. SMITH

Autora da série DIÁRIOS do VAMPIRO

CÍRCULO SECRETO

Livro que deu origem à série
 de TV *Secret Circle*

VOL. 6

A tentação



Galera

A tentação – Círculo Secreto – vol. 6

Smith, L. J.

9788501114266

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

A conclusão da saga Círculo secreto, da mesma autora da série Diários do vampiro. Como líder do Círculo Secreto, Cassie foi constantemente confrontada com escolhas impossíveis e novos perigos. Mas, dessa vez, um movimento errado pode separar o Círculo para sempre. Enquanto luta contra sua meia-irmã, Scarlett, Cassie enfrenta uma nova e terrível ameaça: os ancestrais possuíram os corpos de seus amigos. A maldição de Black John foi liberada no Círculo, e cabe a ela corrigir as coisas. Com seus inimigos rapidamente se aproximando, Cassie luta para manter seu coração verdadeiro e sua alma pura. Mas ela sabe melhor do que ninguém que toda magia tem um preço, principalmente quando o Livro das Sombras de Black John está envolvido. Cassie conseguirá derrotar a escuridão de uma vez por todas ou o Círculo estará perdido para sempre?

[Compre agora e leia](#)

MEG CABOT

Cabeça de Vento



É a beleza que importa...



Cabeça de vento

Cabot, Meg

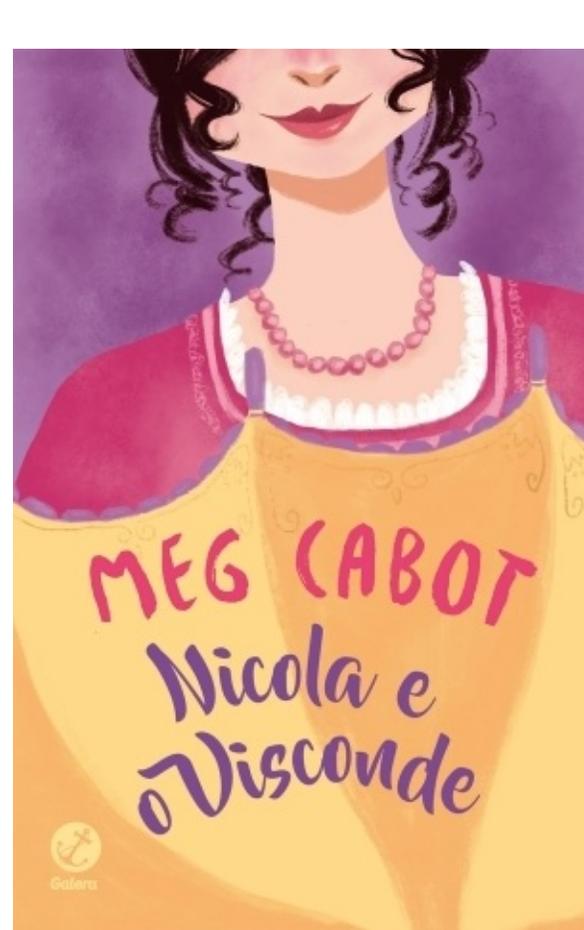
9788501400536

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Emerson Watts nem queria ir à inauguração da Stark Megastore no SoHo, mas alguém precisava tomar conta da sua irmã caçula, que está loucamente apaixonada por um astro pop britânico que daria autógrafos por lá. Além dele, uma outra pessoa muito famosa também marcaria presença... Nikki Howard, supermodelo internacional, sensação adolescente e rosto dos produtos Stark. Isso, é claro, é a receita para um desastre. Junto com os belos e famosos, uma multidão apareceu para conferir a inauguração - e, no meio das pessoas comuns, alguns manifestantes resolveram demonstrar o quanto são contra o monopólio da Stark, que está acabando com o comércio de rua em toda a cidade. Em meio à manifestação, está Emerson Watts, nerd extraordinaire.

[Compre agora e leia](#)



MEG CABOT
Nicola e
il Visconte

Galera

Nicola e o Visconde

Cabot, Meg

9788501112088

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Meg Cabot explora o mundo dos romances de época, neste Orgulho e preconceito para adolescentes. Nicola Sparks, uma órfã de 16 anos, está prestes a mergulhar de cabeça em sua primeira temporada na alta sociedade londrina. Seu maior sonho – ser pedida em casamento pelo charmoso visconde Sebastian Bartholomew — também está prestes a se realizar! Portanto, naturalmente, ela fica muito irritada com as insinuações de Nathaniel Sheridan a respeito do caráter duvidoso de seu noivo. Tomada pela curiosidade, Nicola começa a juntar algumas peças dessa história. Para sua surpresa, ela percebe que estava atrás do visconde errado desde o começo. Será que é tarde demais para fazer a coisa certa?

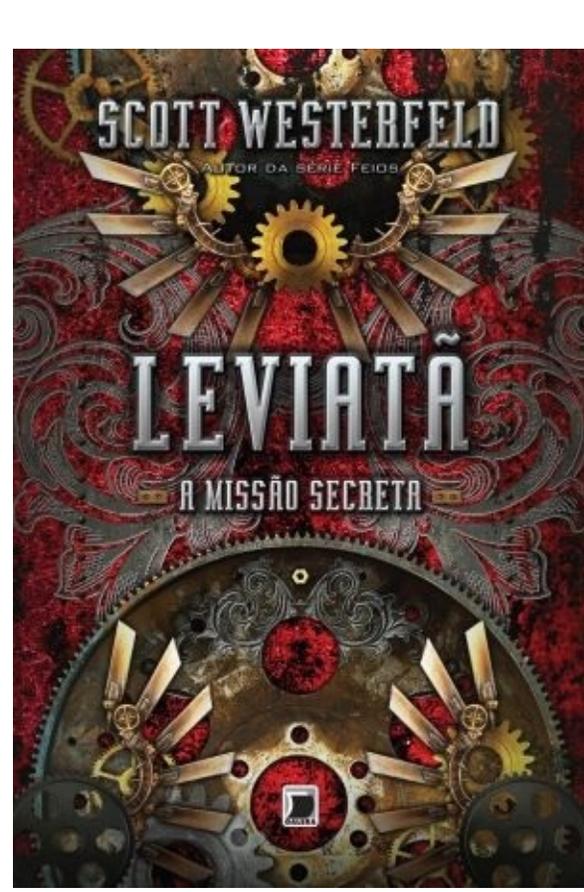
[Compre agora e leia](#)

SCOTT WESTERFELD

AUTOR DA SÉRIE FEIOS

LEVIATÃ

A MISSÃO SECRETA



A missão secreta - Leviatã - vol. 1

Westerfeld, Scott

9788501100061

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scott Westerfeld, autor da série Feios, reinventa aqui a Primeira Guerra Mundial em uma narrativa steampunk. Em lados opostos, mekanistas lutam com aparatos mecânicos movidos à vapor e darwinistas usam imensos animais geneticamente modificados, e adaptados para a batalha. Alek Ferdinand, príncipe do império austro-húngaro, está sem saída. Perdeu seu título e o apoio do povo, restando apenas um imenso ciclope Stormwalker e um grupo leal de homens. Por outro lado, Deryn Sharp é uma jovem plebeia que se disfarça de homem para ingressar na Força Aérea Britânica. Os caminhos dela e de Alek se cruzarão de maneira inesperada, levando-os a bordo do Leviatã para uma viagem que mudará suas vidas.

[Compre agora e leia](#)